





Para Sempre  
Naquele Comboio

Victor Mota



À minha mãe



## I.

Verloc. O nome pouco me dizia, mas voltava vezes sem contas a esse lugar esvaziado que procurava encher com os meus pensamentos, o meu sentimento. Vamos sempre onde não queremos. Até encontrarmos uma razão para lá estarmos, permanecermos e talvez até nos reproduzirmos nesse lugar.

Ficava por vezes a pensar: a mente projeta o corpo para outro espaço e, num repente, ele já lá está, sem pensar muito. O mesmo acontece quando viajamos, nem que seja viagens curtas, quanto mais longas maior a chatice, ou a aventura.

Aos olhos de um ocidental lusitano, a América, toda ela aparece num filme onde há de tudo um pouco, do pior e do melhor. Mas...é cinema, quem se importa? Quem estuda cinema...

O nosso protagonista, Verloc, que voltava vezes sem conta a Vermöhlen, lugar de perto de cinco mil habitantes, todos eles fazendo parte do seu imaginário de criança. Enquanto isso, media os meus passos pensando no que havia feito e no que não deveria ter feito, esquece para lembrar de outra maneira. Depois, numa manhã, deparei-me com um passarito morto no ninho, entre todos os outros que pululavam de um lado para o outro. Chamei a minha mãe. Eis o Mistério dos Passarinhos Mortos... o meu cunhado trouxe um catálogo de campas para a minha mãe escolher e falava com a sua confidente de sempre ao telefone, enquanto, sentada na escada, aproveitava alguns raios de um sol de depois do meio dia, que ainda batia forte e luminoso.

Assim, naquele vagar do nada fazer, ia escrevendo estas coisas, tentando libertar-me dos meus medos de criança, que era a melhor coisa que podia fazer. Tecia novas teias, novos relacionamentos mentais, enquanto ia ao café da aldeia comprar tabaco, permanecendo o tempo necessário para um indispensável café.

Pensava as coisas de través, por outras vias que não as habituais. Na minha cabeça, mais uma masturbação, em Lisboa, depois de três semanas sem ver nem fazer coisa nenhuma, entre senso e sentimento, eu pensava nestas coisas porque eram importantes para mim, talvez se não estivesse só, nesta vida, tirando os meus, não pensaria tanto, ou talvez pensasse a dobrar. Enquanto isso, outros se gabavam com suas conquistas, já na escola secundária era assim, não havia que estranhar, como se as mulheres fossem troféus de caça onde se provava a valentia de um e de outro. Eu falava do prazer de mim próprio com algum à-vontade, enquanto outros escondiam isso como se fosse uma fraqueza de homem, ou de menos homem... A minha mãe pedia-me que ficasse com ela na casa velha, no quarto que pertencera à minha irmã e onde me lembro me debati na primeira noite, entre Lisboa e Penacova, ou seja, antes de ser internado pela primeira vez, no que era o Lorvão de outros tempos. Mas eu, a meio da noite, como se não conseguisse dormir, vim até à Casita do Jardim, onde tenho o estúdio ou atelier, onde acabei por dormir, depois de fumar um cigarro, não tendo no entanto sentido grande familiariedade com a respetiva cama, como em outros tempo, mas logo senti ao fim da manhã, antes do almoço, onde dormirei meia hora. Estava fazendo naqueles dias companhia à minha mãe depois da morte do meu pai, já lá ia perto de um mês, num grau quase-zero de sociabilidade...

Digamos que também as estátuas envelhecem, só a água não o faz, porque se transforma e se junta a nova água. Daí o tempo, daí a consciência interna do tempo e o facto de desaparecer para dentro de ti mesmo, para o crisol de onde vieste, o ventre da tua mãe, o sémen do teu pai, tudo o resto, se fores recuando nunca mais paras, mas se fores avançando, para fora de ti mesmo, tens de chegar a um ponto em que não pode mais avançar, porque não é meta-fisicamente possível. Por isso vais baloiçando no jardim, entretido, entretecido em tramas, oscilações, ganhos e perdas. Kant não pensou nestas questões, por muito que o queiramos entender pelos seus escritos. E continuamos a endeusar autores e mais autores como se um grupo deles tivesse dito tudo e mais alguma coisa sobre a vida, a existência, o significado da vida humana, até



para nos desculparmos com eles e, encapotados, negarmos a nós próprios a capacidade de nos compreendermos a nós próprios e ao mundo. O mundo pede pessoas originais, rasgadas, com o pensamento original, novas vozes, em vez de um corpo e assentimentos que simplesmente não geram mais vida nas consciências, apenas torpor.

No filme sobre Cristo, em que Cristo era interpretado por um ator português, após a morte e sepultamento, na manhã seguinte, Maria Madalena descobriu o túmulo vazio e os discípulos estavam atónitos, confusos, descrente, mas, depois de alguma indagação, Pedro afirmou: “He's Back!” (“Ele Voltou!”). É esse o grau de crença que faz falta hoje, viver após a morte, nem que seja do meu pai.

Eu, que andei no seminário e estive num convento, ainda acredito, não faço cavalo de batalha sobre o que lá passei, de bom e de mau, sirvo-me antes dessas memórias para me engrandecer em Cristo, não vou à igreja há já algum tempo porque tenho a sexualidade desordenada, essas coisas são mesmo assim, Cristo exige despojamento interior e não grandes complicações de sentimentos mais ou menos adversos. Mas lembro-me na aldeia, na passagem da Via Sacra, de estar com outros tipos dentro do café enquanto passava a procissão. Arrependo-me disso com amargura, porque afinal talvez tenha feito coisas que outros nem sequer chegaram perto, ou se chegaram perto, não tocaram na minha experiência. Não quero dizer com isto que sou intocável, mas que de certa maneira, teria de ser assim, *teria de ser como foi...*

### 3.

Dar valor, não dar valor, teria de ir mais adiante, estar com a minha mãe mas não estar colado a ela, como por meio da placenta há anos atrás. Ela descansava ao sol, como que meditava, era o melhor que tínhamos, este sol que batia sobre o nosso território àquela hora, naquele dia.

Por isso, aprendi com o tempo a não olhar tanto para dentro de mim, mas para o Outro, é ele que nos dá o sentido e significado da vida nos dias, ao longo das dores e provações, sendo que o modelo é o Crito, o Grande Outro, não num sentido inquisitorial mas protetor, ainda que possamos ser corajosos q.b. Para a Ele nos assemelharmos. Se Ele errou, como se diz no site Quora, foi porque era humano e, sendo também divino, acertou na maior parte daquilo “a que se propunha”...

Na verdade, todos vivemos numa lógica de causa-efeito, não temos a sabedoria e a paciência para esperar pelas coisas, a vida existenciária é como um cometa, tempos pressa, a um acontecimento tem sempre de suceder-se uma causa, ou vice-versa, eis portanto as leis naturais com que se composita o mundo.

Agora, a qualidade do mundo, o que se ouve dizer, o escritor que, muito bem diz Petráo, deve ir além das evidências, além mesmo do Outro, ou seja, compreendermos o mundo que nos rodeia e, num certo sentido, isso corresponde não apenas ao Outro, mas a todos os outros. Eis um modo profilático de ver o mundo, inclusivé do ponto de vista do cientista social.

Fosse como fosse, alimentava a minha mente dos tempos passados com Nélia, as carícias, o contato dos nossos corpos. De resto, a falta de entendimento dos outros é falta de entendimento de nós todos, como dizia em tempos, do fundo de humanidade que todos somos, temos. A minha estratégia era obter a carta de condução para poder pegar no Macron e sair um pouco de casa, embora estivesse como que a descansar de Lisboa. Havia um fundo de civilidade em tudo isto, habitar em Vermöhlen, quando eu ainda alimentava as mais diversas fantasias sexuais, sociais também. Pensava em apanhar uma prostituta no IC2, a caminho de Coimbra, pensava em voltar à Casa da Floresta para como que encontrar uma Heidegger de mamas, sei lá, dar vazão a uma certa liberdade que já habitava no gérmen da aldeia, mas também de Lisboa...

Sabes como eu me sentia? Dependente dos meus irmãos. Isso não é fácil, simplesmente, tens de os aturar, como se não contasses nada, como se fosses lixo, de pósito de sentimentos que os outros simplesmente não querem. Não admira sentir-me mal quase todo o tempo. Mas a minha resistência persistia. Por vezes pensava que estava para chegar ao fim. Mas eu persistia, alimentava sempre a ideia de uma ou várias vitórias no futuro, mais além no tempo. Por isso levava como que uma vida clandestina, não sendo tido nem achado para coisa nenhuma e isso teria de ver com o fato de ser filósofo. Mas, ainda assim, eu não me importava, como em Montargil, não alimentava ódios, fossem de estimação fossem de outra ordem.

Dos tempos de Lérida, do seminário, por vezes fixava algumas palavras para usar no futuro, sabia o valor de uma formação clássica, mesmo nos termos da antropologia, enquanto cientista social. Cristo foi, para mim, um demiurgo, uma inteligência ordenadora do real, que se encontrava em cacos no seu tempo. Chamem-lhe Deus chamem-lhe o que quisesem, el fez antropologia aplicada a seu próprio custo, foi, em certa medida, fora certos filósofos gregos, o primeiro grande cientista social. Porque, antes d' mais, Ele quis romper com uma obra estabelecida e fundar qualquer coisa de novo que ainda perdura, dar esperança de vida a muitas pessoas que se sentem perdidas. Nesse sentido, foi também o grande primeiro psicólogo.

Seja como for, todo aquele que age de bom coração, de boa índole, não tem que recear o juízo dos homens, ainda que a sua obra seja apreciada ora pelos seus contemporâneos, a seu tempo e a destempo, depois de partir, sendo que uns acreditam que esta vida é só o princípio ou a continuação de muitas, e outros acreditam que é um fim em si mesma, que vale pena unidade, numa certa contabilidade cósmica. Por vezes, parece-me aquele tipos que só aparecem quando há algo de interessante a fazer.

Ibn Batuta. Pensamentos desordenados, obsessões, fixações. Eis o meu quotidiano nesses tempo e todas elas de cariz sexual. Por vezes, esmoreço, fico triste, desapontado comigo mesmo. Será que a esperança se está a acabar? Sim, estamos de passagem. Eis a transitoriedade da vida, o mundo a passar por nós ou nós por ele, de tão pequenos que somos, o tempo da acção em nós e mesmo que nada façamos (de importante), a ação do tempo em nós é irreduzível, irrevogável, definitiva. Por isso, resta-nos acreditar, em algo ou alguma coisa. Na verdade só existe o Não-Ser, o Nada, porque existe o Ser, a totalidade. Ou seja, quando vejo uma enorme teia de aranha na casa do vizinho, constituo-a como unidade de observação, entre outros pormenores na paisagem, curta ou longa. Se não tivesse tido conhecimento dessa teia, nunca teria sabido que ela existira ou não existira, que teria deixado de existir. Por outro lado, há outros fenómenos, outras teias de aranha ou passarinhos, mortos ou vivos, bonitos e feitos, pelo que quando pensamos uma coisa é ela pensamento do seu contrário, ou seja, do seu não-existir.

Assim, o binarismo atravessa toda a nossa sociedade e não se planteia somente no âmbito do género e da sexualidade, uma sociedade liberal quanto a isto tem mulheres fortes, que mandam. É preciso ir além do bem e do mal, como Nietzsche falava, ou seja, ter como meramente instrumental esse binómio, como o do existir ou não-existir, existindo de outro modo...

Estás sentado ao lado da tua mãe, a tua mente deambula pelo teu corpo quando estás só, vais andando, não sabes como nem porquê “Caminhos que não levam a lugar algum”, diria Heidegger, já não tens vontade de ler, nem que tenhas sublinhado certas passagens de *Ser e Tempo* em inglês e lido uma versão em castelhano.

Faz um mês que o pai foi embora (para mim era o Pai). Estou no mesmo sítio, agora ele também, ou não, terá ido invisível para o invisível. Também nós, presos ao nosso corpo andamos à procura disso, no fundo em busca da imortalidade, de uma felicidade, de um melhor Deus, de melhores seres humanos, sabe-se lá o que realmente procuramos enquanto espécie homo. Procurava, então, estender e entender

o meu Ser no tempo que, para mim, era pouco mais do que uma sucessão de dias. Ainda assim, procurava motivos para me alegrar, no âmbito de um regime de habituação e habitação. A uma e a outra.

Há tempos atrás, decidi-me a entrar de rompante na cidade, a fim de conquistar alguma coisa, em vez de voltar para trás no comboio, sempre naquele comboio e desistir de Lisboa. Com a morte do meu pai, as coisas precipitaram-se, deixei o investimento na representação social em Lisboa, porque até não estava a ter retorno visível, eram tudo boatos e mensagens subliminares provindas da televisão. Mas não creio que se tivesse apagado tudo aquilo que havia conquistado, a cidade estava lá, como o amor, à minha espera, evoluindo sem mim, modificando-se...

Há males que vêm por bem. Tinha uma dívidas a bancos e às finanças que tinha de pagar, às finanças já a minha mãe havia pago, coitada, muito grato lhe fiquei. Depois, faltavam os bancos, cuja soma deveria prescrever dentro de seis anos. Isto implicaria que os meus bens, herdados, ficavam para o nome da minha mãe. Não sei porque é que conto isto neste livro, esqueci-me até na narrativa principal que, teoricamente o percorre, o deve percorrer e atravessar.

Se estiveres a pensar demasiado, sem gozo, bloqueado, assaltado por duas, três imagens insistente, isso é TOC, mas que pode também vir acompanhado de outra sintomatologia, seja depressão, euforia, sintomas psicóticos, bipolaridade, esquizofrenia. Mas eu ainda me lembro de muita coisa, que o meu pai disse, a mim e a outros, como por exemplo, manifestar o desejo de eu ficar por cá, donde escrevo, na aldeia. E eu, com base nisso, defini mais ou menos a minha vida e o meu futuro: entre lá e cá, entre Lisboa a vermöhlen, quando me canso de um lugar vou para o outro. Se irei sir desta rota, não sei, assim como a realidade se alterou para mim e os meus, ter de cuidar da minha velhota, pode bem ser que mude de novo para outro sentido, sentimento.

Quando me sinto atrofiado, penso nos lugares onde podia estar: o convento, a academia e o hospital. E isso faz-me sentir melhor à parte de tudo isso, de todo esse destino mais ou menos de alienação existencial. A minha velhota é agora a minha razão de viver e não tenho grandes amores em mente. Estou esperando que renove a

carta para poder dar umas voltas, quem sabe até Santo Antão, onde possa reencontrar alguns velhos amigos, para além daqueles que tenho em Vermöhlen e Lisboa...

Ninguém quer perder o que se julga ser uma corrida. Por isso vão mais em força do que em geito. O problema é que isto não é uma corrida, isto da vida e se o for, eventualmente, para alguns, para outros é um caminho de, face à guerra e ao estertor dos sentidos, qualquer coisa que se assemelha a um caminho sem fim, que não leva a lugar algum. A vida é esse caminho, não a meta.

À descoberta, fora do útero, do óvulo do Ser. Muitos estão assim, como dentro de um balão, que chamam de zona de conforto e para voltar a ela vezes sem conta é preciso sair dessa zona de conforto, que por vezes é uma zona de guerra. Talvez um dos princípios de uma felicidade que se contrói fosse, naquele tempo que estava a passar, ser fiel a mim mesmo, ser o que realmente sou. A questão de saber quem sou já não se põe como em outros tempos, sobretudo porque, de certa forma, *fui sendo*. Tudo isto seria para provar, antes de mais, que um homem não é uma ilha, como Crusoé, é um ser eminentemente social, como disse Aristóteles e nós aprendemos no curso de Antropologia Social no ISCTE.

Ora, se a filosofia era causa de ostracismo e marginalidade social, emocional, gerando bastante frustração, porque não deixar a filosofia? O problema é que não era a filosofia o problema, mas o modo como eu a via. Tinha de ir além disso, como além do Outro, nem que fosse usando a experiência, a observação e a minha prosa, usando essa mesma filosofia que eu renegava e que precisaria de ser regenerada. O nosso personagem está perdido na mata, melhor, no mato, como Manui.

A verdade é que eu gostava da filosofia, mas também gostava, e muito, de mulheres e sexo. Não me comprometia a cem por cento com uma e outra, de algum modo analisava as situações sociais nesse sentido, além do ético-religioso, mas também no sentido neutro, ou seja, sem pôr em equação o lado masculino ou feminino da coisa, binário, digamos assim. No fundo, também o arrebatamento fazia parte de nossas vidas, como aquele que havia sentido Santa Teresa de Ávila e outras, María Zambrano comprometida com a classe operária e rural de Espanha, Edith Stein comprometida com o legado de Husserl, seu mestre.



A mãe. Sem dinheiro, adstrito a uma narração qualquer, a mãe queria companhia e eu fazia, queria até que dormisse perto dela, para se sentir segura, no quarto, como disse acima. A minha herança, afinal, eram bens imobiliários, a Casa do Jardim, de onde escrevia e a Casa Velha. Soube-me bem sentir o sentido da propriedade, mas não estava muito preocupado com isso. Faltavam-me muitas coisas, mas algumas tinha e nos bocaditos cheios do sol a entrar pela janela do estúdio, eu era feliz.

Por vezes apetecia-me correr. Mas estava tão cansado fisicamente que nem uma caminhada fazia. Manui não dissera nada desde há um bom par de semanas. Nem a sua mulher.

O segredo. Precisava de não quebrar a minha relação com o mundo, sob pena de entrar em entropia, por isso continuava a terapia num grupo de ajuda de vítimas de abuso dentro do seio da Igreja. Para uns a vida era deixar andar, os cientistas sociais que se importasse, bem como os psicólogos e os assistentes sociais, que também são cientistas sociais.

Sempre fora muito emocional, lutava contra isso, para ser mais racional. Por isso me transformei na pessoa que sou, com TOC e o tabaco e, eventualmente, a bebida. Mas eu sabia beber, tinha esse vício sob controle, embora o meu irmão e minha mãe me chateassem a cabeça, pois comecei a beber álcool há uma meia dúzia de anos para a altura em que escrevo, ano de 2014 e antes não bebia desde os 35 anos...

Voltei a ter grande vontade de voltar a dar aulas.

Havia de fazer uma lista das mulheres que conheci. Tenho agendas repletas de números desta e daquela, mais aquelas que conheci em sites de encontros. Se calhar, metade delas está já morta, mas isso não me interessa agora. O país, tem sido, para mim, como que uma cidade grande, inclusivé Lisboa, uma cidade grande.

O mundo, agora, não é um Cemitério de Pianos, parafraseando a obra de José Luis Peixoto, mas de corações, corações desfeitos uns, repletos de esperança que nem sempre se renova, outros. Corações que nascem, renascem e se substituem uns aos outros, isoladamente ou sobrepostos.

Começava a ver as coisas de outra maneira. Resolvi ter uma conversa franca com a minha mãe, a ver se ela me cedia dinheiro para a discussão da tese. Ganhava mais vontade de dar aulas, tinha alguns meses para me preparar, a vários níveis. Tenho sido um pouco burro, não tenho ousado grande coisa... ou então está para surgir algo de muito importante, além da tese, talvez o reconhecimento público como escritor, por exemplo. Tenho tido imensa paciência (até com o mundo, dos outros) e tenho sabido sofrer. É tempo de colher alguns frutos, enquanto me preparo para outros vôos.

Vertoc oscilava então, entre dois mundos e parecia ter a sua vida condenada a isso. Daí a filosofia: o espaço estava conquistado, o meio social também, ou seja, só faltava perceber a extensão da sua representação social, na capital e na aldeia, mas em mais alguns lugares ao redor...

Um livro, afinal, percebi então numa noite de verão, era um guia para que o autor fosse encontrado, como quando fomos Em Busca do Graal na localidade do Paúl, na Covilhã, em 1996.

Rui Veloso dizia há pouco tempo: “No meu tempo não era assim”... Pois não, era mais romântico, agora é tudo mais fácil, de aceitar, de descartar, o compromisso. Depois, a vontade de querer agradar a gregos e a troianos. Não páras, nesse intento, dia após dia, faça chuva faça sol, o rádio está a toda desde ontem na Rádio Figueira e a meio da tarde mudas para outra estação, como se saíesses do comboio naquela que mais preferes para pernoitar, eis as duas camas à tua disposição para alojares o teu corpo com uma ciática que não te dá descanso.

Vais ao café comprar tabaco. Deténs-te um pouco no lugar que é quase teu, ainda tens muito a provar, sendo que muito caminho já foi feito e deixas-te estar, por mnutos, a sorver o teu café. O irmão do gama aparece e dali a pouco diz-me que aquele era já Diretor do Colégio, olha, não fiquei muito impressionado, se quisesse fazer carreira académica numa escola secundária, tinha tirado logo Filosofia, mas não, levantei a moral e habituei-me a escrever, a ser um influencer, a estar como que a um nível mais acima, o que me trouxe tanto ganhos quanto proveitos, mas a que recorri vezes sem conta. Falo da Filosofia, das Ciências Sociais, ser cientista social não tem cabimento no ensino secundário, quanto mais no básico, se bem que haja também uma antropologia e filosofia para crianças, mas já cortei o fio de um novelo que acabei de desfiar há instantes...

A guerra, as pequenas perceções, a tensão interior e o pânico a mente. Os olhos viram-se para dentro, como os de Nietzsche, no meio dos pensamentos para com o mundo num Si-Mesmo atribulado que todo o estudante de filosofia compreende, de uma maneira superficial ou profunda. Naquele promontário, pensamo que estava, ao vento, um novo Giordano Bruno ou até um novo Hitler, o opósito de Cristo. Mas não, era apenas o velho Nietzsche, debatendo-se com o conflito dos tempos em sua humanidade demasiado humana. Na rádio, entretanto, falam de Almada Negreiros. “E

que isto tem a ver?”, poderíeis perguntar. “Não tem nada que ver, aí é que está a graça”, digo eu. Talvez porque ele também fala num Euclides...

Eis, aos poucos, um livro que se levanta e parece que nossos personagens estão de férias, o que me dá lugar a novas e filosóficas considerações.

Ainda assim, o TOC tanto pode ser visual como olfativo, pode ter que vez com os outros sentidos, obviamente. Mas é sobretudo visual. Como que tiras uma foto e ela passa a ser o teu centro de preocupações, só uma imagem, ou duas ou três durante um par de dias. O teu arquivo é terrível, contém um stock de imagens a que recorres, sem querer, nas mais variadas situações sociais. Por isso, o TOC é uma doença social. E daí, doença da sociedade. Uma forma de loucura? Talvez sim, talvez não, que, quando agradava porde entrar ela mesmo nos terrenos de outras patologias...

Não desisti. Mas podia tê-lo feito, podia fazê-lo de hoje em diante, mas não vejo nunca uma batalha como perdida e essa é a minha vantagem face a muitos, que desistem ou fazem outras coisas ao longo da vida. Eis aqui a Luz.

Ao longo do dia, vou fazendo uma seleção de pensamentos para aqui os encaixar e encadear, como uma “bricolage” intelectual que revela os vários vectores e níveis do me pensar.

Ainda andava, nesses dias, obcecado pela ideia de corpo, numa ressaca da tese, que ainda durava.

Será, então possível, solucionar problemas sociais e perceber a raiz da natureza humana recorrendo à imagética, ao imaginário, à simbólica das sociedades? A minha mãe foi ao cemitério, pouco depois de ter chegado, vejo-a a rezar por ele na Salinha da Costura e dá-me vontade de ir com ela à Igreja, mesmo a estas horas de fim de semana, em que ainda faz algum calor. Depois, o bloqueio, quando mudo o canal para a Fátima TV, que se fiza com uma câmara imóvel sobre a Capelinha das Aparições...

## 11.

Depois, ainda a propósito do DOC, pensei no tema da autonomia da razão de Kant e no assentimento, verificação e comprovação que todos, mais ou menos todos, procuramos na realidade, sobretudo através da visão, por ela andamos iludidos e daí a atração do porno como vício, qualquer coisa que nos atrai, a fusão e fruição dos corpos e a inexistência de uma outra dimensão onde se aloja a alma e a realtiva incompatibilidade entre os dois registos...

Não dá, não dá, não penses mais nisso. Respira liberdade de espírito por outro lado, pensamentos sucessivos, uns atrás dos outros, hão-de chegar. Não és o primeiro a ganhar depois de desistir ou desviar o teu foco para outro lugar...

De certa maneira, para seres bem sucedido, para seres feliz, tens de ceder, tens de perder, de te perder, sair da caixa, como muitos dizem, mas já o fizeste por várias vezes em jovens, umas saídas correram bem, outras mal, agora deixas-te estar reservado ao teu reduto de pensamento, como dentro da Caverna de Platão ou Saramago.

Há males que vêm por bem, e isso foi devido à morte do meu pai, o facto de estar parado e descontente e a minha vida nunca ter avançado tanto como agora, nestes últimos meses. Há que ter paciência, podia ser bem pior, ao menos não tenho nenhuma doença física e isso já não é mau, não é de deitar fora a esperança em dias bem melhores.

O que hás-de fazer, só precisas de dar aos outros uma oportunidade para se amarem, gostarem de ti...

Adiantámos, então, nos nossos escritos, algumas ideias e conclusões sobre a felicidade, sobre o que é “preciso” para se ser feliz, tanto em consciência quanto em fruição do Mundo. Na verdade, a felicidade é qualquer coisa de bem prosaico, ter dinheiro para gastar, constituir uma família, desempenhar um determinado papel social, como se a realidade social fosse a tela do pintor e o palco do actor. Mas...e se deixarmos de ser atores? Ou seja, o que acontece além do facto social do actor social? Terá que ver com o carisma weberiano? Uma encenação do real tem bastidores e dá-me a ideia de que os verdadeiros atores, aqueles que se expõem, são poucos, que há muita gente nos bastidores (sem uma ideia ou pesquisa do que é ser-se feliz) e há muitos pontos, ou seja, contraregra. A questão é que os papéis reveza-se, o ator ora ganha densidade ora se esvazia, como um fole, como um balão. Alguns procuram a densidade porque não tiveram papéis fáceis ao longo da vida e a expêriência lhes deu sabedoria.

Já em 1992, na imprensa regional, eu falava de um tópico importante da sociologia, sob o título “Marginalidade ou Diferença?”. Daí para o existencialismo, a presença existenciária do Ser inscrita no tempo, em que a marginalidade, o desvio face à norma padrão, é tido como algo de sistemático e até endémico no seio das sociedades, dos grupos. A isto se junta a ideia de cenário da vida social, do simbólico, da luta pelo status, ou seja a luta pela a atenção (constante) do outro, ou seja, a sociedade está doente essencialmente porque tem um problema de afeto. Ou então não está doente, é só impressão minha...

Depois, a solidão. Como se sente, o que se faz numa situação destas? Esquecer, esquecer constantemente, persistentemente, de que estás vivo, de que não podes lutar mais, que a vida não é coisa esganiçada para se ter e que é preciso dar folga e ter paciência face à própria impaciência e desvelo, a vontade de estar além, noutro lugar, em vez de aqui, tendo que fazer do aqui o além, muito mais além da simples circunstância (no desejo) do estar (aqui). Por vezes danças no teu quarto ao som daquela música, pode ser Freelove dos Depeche Mode ou aquela de Celine Dion, Where Does My Heart Beats Down.

Verloc em Vermöhlen. Ele ia ao café mas não fazia caminhadas, nem muito menos corridas e ia a pouco lugares, deixava-se estar atento ao que a TV passava, observando os pássaros e dando-lhes comida, visitando o Brady, um cão rafeito que ladrava muito de noite, no Armazém de Cima, além dos vizinhos da porta fora, da Moradia Ruas e os outros dois por cima do Armazém, ouvindo música, vendo um filme ou outro, percorrendo título que havia adquirido em tempos não muito longínquos, quando tinha então algum dinheiro, no Alto de São José ou nos apartamentos do padrão das descobertas...

E, ainda assim, persistia, em busca de mais ideias, enlevando a sua prosa como uma caravela em alto-mar, o mar da consciência, se bem que lhe custava levantar-se de manhã e por vezes tinha um ou outro sintôma de não fazer exercício, ou seja, ciática, dores musculares. Coitado de quem sefria de fibromialgia...



Entro na porta de casa. O rádio está ligado na Rádio Tomarense, trago um pouco de vinho branco numa pequena garrafa para me entreter enquanto prossigo este relato filosófico, esta narrativa metafísica sobre a entrada do meu ser em novas e distintas gerações de realidades, padrão ou paralelas. Os vizinhos estão juntos em amena cavaqueira, enquanto a mãe já se foi deitar, dentro em breve tenho de ir para perto dela, na divisão ao lado, para que não tenha medo durante a noite, pois sente falta daquele que lhe deu força todo o tempo e lhe fez companhia por mais de cinquenta anos. O gato Samba insiste em entrar em casa, quando fui buscar vinho, lá entreou, à socapa e está agora deitado na cadeira da minha sobrinha, com os olhos cheios de fungos, suponho que esteja para morrer e que, por outro lado, tenha saudades do patriarca da família, que partiu. Agora, digamos, sou eu o patriarca...

Naquele tempo, é claro que Verloc se sentia só em vermöhlen, os diálogos com os naturais dali era curtos, toda a gente se sonhcia, havia afinidade, mas não ao ponto de grandes discussões literárias e filosóficas, a não ser com Dan, mas como este há dois anos que nada dizia, Verloc optou por não avançar para reiterar uma espécie de amizade que já teve melhores dias. Por outro lado, Vic estava perdido para sempre num cemitério, como o pai dele e tinha visto de passagem João Pedro, um amigo de infância de uma aldeia vizinha, com quem havia vivido as mais diversas aventuras, aí pelos 13, 14 anos de idade.

Vai daqui, dá para perceber que aquele que conseguir controlar a passagem do consciente ao subconsciente, por meio do inconsciente, poderá arranjar alguma qualidade de vida emocional e ser considerado socialmente, ser reconhecido pelo seu mérito ao fazer o que faz, seja ceramista seja pintor, seja revisor da CPP seja pintor de acasos do tempo e da memória nas mais diversas telas do real, o imaginário e aquele que nos faz sentir a identidade e entidade do chão debaixo dos pés vindo para cima, para a cabeça e os neurónios, logo, ser reconhecido pelo Outro...

Seja como for, o autor vive da solidão e na solidão, isso pode ser um vício, porque ele quer ser reconhecido por fazer algo sózinho, mas estará realmente só, eis uma forma de entender as realções sociais e o social, latamente. O que ele procura é o reconhecimento social, ser aceite, como disso sabem os antropólogos e filósofos, mas estes querem silêncio para sorver a matéria do mundo que está na sua mente, na sua massa cinzenta, um diamante que vão polindo devagar, lentamente, com toda a paciência, ao longo dos tempos.

Ora, o escritor é, antes de mais, a meu ver, um tradutor da humana natureza e dos sinais de otimismo do mundo, para que nos amemos mais e melhor, uma forma de nunca desculpar tanto a guerra quanto os direitos humanos. Aí ele se aproxima do antropólogo, mais do que do filósofo. Em todo o caso, já dizia nas suas aulas Raul Iturra de que o antropólogo é um *esquizofrenico da realidade*, mais eu diria que ele é um médium, um bruxo, um xamã, pois sobre sobre os outras antes que lhe peçam para levar a sua vida egoísticamente, como se não quisesse mudar o mundo...

O real, a realidade, o problema duro da consciência, é à volta desse enigma que andam há muito tempo muitos filósofos...

Depois, verloc foi percebendo que estava de alguma maneira, sózinho no espaço, ou seja, os lugares para onde poderia progredir era uma ficção da sua imaginação, por mais que se esforçasse, só ele acreditava nele mesmo, na sua salvação e no seu sucesso. Se não fosse assim, porque não vendia os seus livros? Porque não tinha admiradoras? Os canais de informação não funcionavam a seu favor, mais, tinha reputação junto de alguns círculos mas, por outro lado, era visto negativamente como aquele que tinha sido abusado no seminário, aquele que tinha o sexo pequeno, aquele que roubara livros, aquele que tinha ido às mais diversas casas de prostituição, aquele que entrara em vários hospitais psiquiátricos e tudo o mais. Tinha de se esforçar e continuaria a fazê-lo, desse por onde desse, não se justificaria nesses pontos fracos, para já faltavam dois dias para regressar a Lisboa, cidade que lhe havia dado e tirado também muita coisa mas que, no seu cosmopolitismo e hasard, achava poder ainda vir a ser feliz. Tal como em Vermöhlen...

A adolescência é a mais importante das idades, frequentemente esquecida pelas ciências sociais, nomeadamente a antropologia e objeto de estudo quase predileto da psicologia. Uma era individual problemática, em que nos preparamos para sair do mundo fetal, do embrião, para sermos cidadãos, atores sociais com representação e papéis sociais.

A pequenita, que já é quase uma mulher, anda antipática comigo. Não a censuro, mas faço o que posso. Um dia vai perceber que eu, enquanto tio dela e até antropólogo, a podia ter ajudado a compreender certas coisas. Mas não, iniste em fechar-se comigo. Eu levo a mal, no princípio, mas depois acabo por não ligar, por esquecer.

Vertoc lutava, então, no mesmo lugar de infância, para vencer os seus medos de crinaça, a falta de amor-próprio e de à-vontade com as mulheres, a que muitos chamam de timidez, os pensamentos negativos, que outros chamam de obsessões, a solidão de coração, ou seja, a falta de uma alma gémea, alguém a quem projetar o seu amor. No fundo era um lírico, um idealista, mas isso ajudava-o a continuar, a levantar-se todos os dias, a empreender descobertas metafísicas que não estavam, nem de perto nem de longe, ao alcance de qualquer um, porque essencialmente o seu inestimento no real, na técnica, no afã de status e reconhecimento social tornava-os imunes a certas questões metafísicas e filosóficas...

Vertoc foi, à socapa ao Armazem 66, no Porto de Lisboa, buscar uma garrafinha de Moente Branco para aquele dia, a ver se conseguiria chegar a uma certa prosa e apresentar e fazer desfilar mais alguns personagens, enquanto a pequena Mafalda estava no jardim, alheada dos jogos de computador online e a velhota Iris dormitava em frente da televisão onde passava o Domingão do João Baião.

O Homem do Meio. Meio Físico e Social. Terra Média. Eis alguns conceitos que definem o homem-charneira que é o portugu-es, o espanhol, o italiano, mas sobretudo o portugues, pela sua filosofia do Quinto Império, autor do Brasil, um outro conceito bastante interessante. A nação, reduz-se, assim, de certo modo, à etnia, pelo menos no ideário do Chega. Uns lutam outros nem por isso, uns questionam, outra vivem à sombra da certeza, seja ela religiosa, seja filosófica. O meu Bom deus é Aquele que me permite e dúvida, que reforça a fé nos princípios fundamentais de uma vida religiosa, não sem ter um amor de carne e osso. Até aqui estive abertamente disponível, para amar, para receber o corpo de uma mulher, mas agora vou com muito mais cuidado, mas não deixo de estar aberto, é a minha metodologia, a minha maneira de ser face ao mundo, em abertura total com tudo o que é revelado, patenteadado, inocentado pela minha consciência moral...

Desejos e fantasias sexuais, o que se leva nesta vida, enquanto o filósofo não dá descanso à mente, à procura do sentido da vida, em primeiro lugar, e do sentido dele mesmo em sociedade, depois. Por isso, creio que não há diferença essencial entre o filósofo e o cientista social, mesmo que um viva da dúvida e o outro da certeza científica, detetável, profilática, construtora do mundo. Enquanto isso, o filósofo desconstrói, é inimigo, de certa forma, de uma sociedade inteira, é ele contra o mundo, como se pode ver em certos jogos de futebol.

Aqui, entra a teologia, como forma de ver o mundo através da lente da fé num Deus desconhecido, cuja doutrina é feita por homens, mas cuja revelação vem do numinoso e na crença de mundos invisíveis, mesmo aqueles que estão antes e depois da existência da mente humana. Talvez o homem devesse procurar “dentro” da sua mente para almejar compreender o significado da vida, em vez de “fora”, num deus, numa ciência, embora esses *pontos de vista* sejam também válidos no âmbito de uma relação com o mundo (*Timeu*, de Platão).

Eis o fim da tarde, o sol está-se descanecendo no horizontes. Podia ser um horizonte da antropologia, mas é-o, de certa maneira, mas também um horizonte da sociologia e da filosofia. Revejo os poemas escritos na Páscoa, quando o meu pai já estava em fase terminal. É sempre tempo de revolta, onde o objetivo é ser considerado o melhor escritor português vivo...

Com este andar, não vou escrever grande história ou narrativa, pois eclipsaram-se da minha cabeça as tramas e os personagens que cá tinha, não pode dar para tudo, mesmo assim tenho avançado a bastante bom ritmo.

Talvez um dos grandes segredos da felicidade seja viver em estado de sedução constante, com ou sem mulher. Mas ninguém aguenta muito tempo, como diz a canção dos Queen, “Too much love will kill you”...

Após dois anos sem o ver, estive finalmente com Danui, e lembro-me perfeitamente da crítica dele, ter um argumento, não bastam frescos, mosaicos isolados, tem de se encadear as ideias umas às outras. Se for só esse o problema, muito bem estou eu, creio que a minha escrita, científica ou não, filosófica ou poética, tem outras qualidades que a deve não tem, eu tenho hábitos de escrita e mesmo o meu principal médico, Mario Simmons, dizia-me juntamente com outro, que eu não era talhado para grandes tarefas, de longe duração. Eis a resposta, a tese, sózinho, fiz o que muitos fazem em equipa e julgo que tenho agora uma monstruosa obra que só espera ter mais e mais leitores, que é certo nunca vou ter em catadupas por ser antropólogo e filósofo...

A pedra. Pedem-te que sejas insensível, enquanto lês “Sobre as falésias de Mármore”, de Ernst Junger. O mármore para a campa do meu pai, que ainda não abateu, está sendo encomendado, vai ser cinza escura, enquanto uma cinza me cai do cigarro. E a vida continua, procuro novas ideias num espaço quase exíguo que é meu habitáculo, dentro de dois dias regresso a Lisboa para estar por lá dois dias, ver como estão as coisas, ver os desenhos e comprar um repelente de insectos para pôr debaixo da cama, onde está grande parte dos meus escritos escritos à mão nestes últimos anos. Não consigo parar, até me tornar o melhor, que creio de certa maneira já sou, senão não me apontavam defeitos nem criticavam, mandando bocas na rádio, malta nova, mais do que na televisão.

Vou trazer para a Casita do jardim, um quadro para escrever algumas ideias logo que me levante, pela manhã, antes de fazer um café, faça chuva ou faça sol, um quadro que pertenceu ao Bezerra, professor de matemática que dava explicações no sótão da casa de Pombais, onde cheguei a viver e onde amei a minha querida Marge, que lentamente me foi esquecendo e o nosso amor de alguns meses escoou para as voas do esquecimento. Mas ainda a amo, embora pouco tenha feito para a reconquistar, coisa que talvez não queira, no fundo. O mesmo se aplica a Susana, as Suanas que tive, a Sofia, a Zélia. Todas elas, entre outras, pertencem a um passado que já não existe senão nas nossas memórias e há muito boa gente que diz que não se deve mexer no passado, a minha mãe é uma delas...

Além do mais, de certo modo, o sofrimento psíquico e a doença, se me marginalizam por um lado, dão-me autoridade por outro lado, uma certa forma de poder que tem que ver com o respeito do meu Ser e a dignidade até da minha sexualidade...



Vermöhlen e Lisboa, dois lugares opostos mas que constituiriam os meus lugares de estada e criação. Lá trouxe o quadro, tenho vontade de dar aulas mas devo-me preparar para tal, para que não sofra mais do que sofri em 95, quando acabei no Lorvão. Ooops! Esquecime do Vertoc, que também podia ser Vercor ou Verdoc, seria mais parecido com as aventuras do Tin-Tin. Não sei como aguentei tanto neste tempo todo em que comecei a estudar Filosofia, em 97, na FCSH...

O vento passa, o seu ar trespassa. Fumo em frente ao computador. A porta bate com o vento, a minha mãe esteve todo o dia a ver Televisão, a pequenita voltou para o computador. Como está arisca, não me meto com ela. Mas estou atenta ao seu desenvolvimento, tenho essa obrigação, como tio.

Afinal, pergunto-me nesta jornada como David Singer, ou seja “Como Havemos de Viver?” e também, como Marc Augé, “Porque vivêmos”? A explicação está a meu ver no **como**, no modo como vivemos, ou seja, o ser vai sendo (uma forma de *dasein*), vai-se desdobrando face ao real como um leque ou um pavão...

Ele começou a gravar: “Sabes, em outro tempo, preocupava-me demasiado com essas coisas, com a opinião dos outros. Para mim, tudo tinha de ter sentido, uma explicação. Até que se operou em mim uma mudança de sentido e perceção da realidade. Fiquei mais sábio, mais maduro, mais positivo”

E isso funcionou? -perguntou-me ele.

Não tinha que funcionar, nem tudo se resume ao resultado da coisa, porque analisar o teu temperamento e a tua formação e percebes que não tens de andar sempre a pelear, em competição, com os outros. És um rapaz bonito e isso basta-te. O resto é conversa.

Eis-nos chegados a uma problemática que me é bastante cara, a da economia libidinal avançada por Lyotard. Como se o sujeito tivesse de refrear os sentidos para conseguir status e consagrar a sua união com uma mulher com dote de alto status numa determinada sociedade. A questão põe-se como premente no caso das mulheres, elas têm de fazer essa gestão, não só do sentido simbólico, mas daquilo que lhe entra pelo ventre adentro, que pode dar em filho ou doença. Para alguns, o objetivo é o prazer perpétuo, isso constitui-se como forma de vida, enquanto que outros preferem um contexto, onde se sintam confortáveis mentalmente e consigam cumprir um determinado ideal de vida durante mais ou menos longo tempo...

Foi no outro dia. Perdi cinco folhas deste livro. Não sei se estão no Tsunami que já quase não respira, se estão em Lisboa. Nem sei onde as escrevi. E ainda aqui estou, fazendo sentido de alguma coisa, com a vida em pedaços. Mas sei que a impressão exterior é bem melhor do que um interior despedaçado, amolgado... Sinto falta de conviver, os amigos afastaram-se, fugiram, dir-se-ia... A minha vida só a mim diz respeito, só tem significado para mim e para a minha velhota...

Dias depois. Não tinha grande vontade de pegar de novo neste “número”, númeno, espírito da coisa.

Aproximavam-se as eleições europeias de 2024. Apareceu um Tânger Correia que tinha algumas ideias interessantes, enquanto a maioria ndos adversários fincava-se num humanismo algo barroco e estéril.

Tese: Progressão Hermética. Antítise: Liberdade Livre. Síntese: Nova Democracia (não o partido). O eixo da democracia é o Partido Socialista.

O povo: dar um passo para trás, em sinal de respeito pelo Outro e dar dois passos para a frente.

Ouvia a minha mãe a tratar-me mal. A minha irmã também. Mas depois, passam uns minutos e fica tudo bem. Elas preciso de ter aluém humano em quem descarregar. O Manu também.

Entretanto, fui ver o Manui. Não fazia muito calor. Aproveitei pra fazer a caminhada do dia, logo após o almoço. Estava lá com um amigo de infância, o Cotinelo, a assar sardinhas. Pareceu-me um pouco bruto, talvez seja da bebida. Regressei a casa e passei na igreja. Vi uma vareja no chão e dei-lhe um pontapé, não a apanhei. Trouxe a carta para a pensão paroquial e o jornal católico mais lido em Portugal, o “Cavaleiro da Imaculada”. Encontrei a mãe a dormir no atelier, em sono profundo e meti o filme “Os Visitantes”, que ainda estou a ver. Lembro-me daquele cheiro da igreja, o mesmo cheiro que me puxou para Leiria há décadas atrás. E lembro o Johanes, um turista norueguês que acabou por ficar por Portugal para se dedicar ao alojamento localna floresta do Pinhal de Leiria e que me foi visitar ao hospital, da última vez que estive doente...

Enquanto ele me vinha à baila com o Descola, eu falava-lhe no Deleuze e na Escola de Frankfurt, nomeadamente o Horkheimer. Era o Danui, ainda pensando que ele era meu inimigigo figadal. Mas não era, estávamos em áreas diferentes, objectos de estudo divergentes, mas por vezes sobrepostos. Daí a fricção.

Portugal está cheio de pessoas desiludidas, que tiveram falta de filosofia e de quem as ajudasse a dar um sentido enquanto jovens, por isso se meteram nas drogas, na prostituição e, mais atualmente, no negócio do porno. Os responsáveis são os padres e os cientistas sociais, não os políticos e os desportistas, pois esses estão cegos pela sua própria ideia de performance. O político apenas quer vender o peixe e enganar o máximo possível, enquanto o religioso está na sua e acha, subsume, que os problemas da humanidade e da sociedade são problemas religiosos. Os cientistas sociais não sabem parar, julgam que sabem tudo e, atualmente, restringem-se à academia, é raro encontrar quem “desce” ao nível dos media, salvo raras exceções: MVA e Desidério Murcho. Ainda assim, estes e outros raramente saem do seu registo, linguístico e conceptual.

Andava iludido com tipas casadas. Um dia cheguei a falar com um tipo que deixava que lhe fornecesse a mulher, mas queria estar a ver. Eu, que em tempos, fugia de casais, estava agora mais ou menos receptivo. Mas não avancei, de modo, mais difícil, procurava de novo a minha Rapunzel.

Nesses dias, a eu acreditava solenemente que era o melhor escritor português, nem precisava de nomear os meus adversários. Não sabia bem explicar, mas tinha consciência disso. Talvez não fosse o melhor antropólogo pois deixara trabalho de campo por fazer, nem fosse o melhor filósofo por falta de projecção conceptual, mas era dos melhores e, o melhor escritor, quase de certeza. Era um feeling bem forte...

Não sei porquê, lia os Exercícios Espirituais do Padre Manuel Bernardes...

Sim, não gostava de me meter em confusões, tomara eu fazer certas coisas que tinha que fazer, como por exemplo terminar esta obra, provar que sou realmente o meu, melhor do que o Saramago, o Lobo Antunes e todos os outros. Mas acho que já provei isso, não? Pelo menos no que concerne à produção realizada, grande parte à mão, que está debaixo do colchão à espera da luz do dia. Só tenho de comprar disparitador por causa-efeito do bicho das madeiras.

Ansiava por conhecer uma miúda porreira como eu, enquanto isso não acontecia, adiantava qualquer coisa no meu pensamento. Anotava no quadro, a giz, alguns pensamentos mais ou menos provisórios ou definitivos, conforme a disposição. Por vezes até pensava em fazer um mestrado para conhecer alguém, em Geografia ou História, mas pensava nas aulas e no relativo ecossistema que a escola é, podendo proporcionar alguns conhecimentos, mesmo afetivos. O prazo de entrega de pedidos de indemnização por parte da Igreja, relativamente aos abusos sexuais, terminaria no final daquele ano e eu já apresentara o meu pedido, não tanto quanto os outros, mas ainda assim uma quantia significativa, que me permitia paragar o doutoramento e algumas dívidas. Andava nisto e até achava alguma graça, pois ia produzindo e sentindo-me melhor comigo mesmo. Tinha mais respeito sobre mim...

Passaram três anos e estivera por duas vezes com uma mulher. Nada mais. Mesmo o consumo de pornografia desceu drasticamente...até desaparecer, a imaginação enchia a minha mente de pensamentos sexuais uns, desagradáveis e intrusivos outros... Eu contabilizava estas coisa, porque sentia que eram importantes para mim, uma certa perspectiva científica da coisa, de resto, que fazer?

Mais logo iria um pouco até ao Café Principal, falaria com um ou dois amigos e voltaria a casa, para dormir no quarto que fora da minha irmã e onde me debatera na primeira crise psicótica que tivera, fazendo companhia à minha velhota.

Entretanto, era tempo de falar com a psicóloga, que me queria ler as cartas do tarot. Embora estivesse cansado, esperava ansiosamente por falar com ela...



Dá-me a ideia de que fiquei pior depois de falar com a psicóloga, como se tapasse fogo com uma manta e deitasse fumo ou como se tivesse aberto uma Caixa de Pandora.

Tenho saudades de correr pelos campos de papoilas e malmequeres com a Lily, até para no rio e ficar a ver os peixes, os girinos e os alfaiates fazendo desenhos no topo do água. Tenho saudades de conduzir o carro de Estela e visitar os miúdos na escola, beijá-la arrebatadamente dentro desse cargo. Tenho saudades até dos tempos mais libidinosos em Leiria e da Casa na Floresta e na Estrada da Leira... Sim, sinto saudades desses tempos, queria jurar que não se tivessem acabado, mas agora tenho a possibilidade de voltar a conduzir e de certo modo voltar a um *modo* de vida antigo, onde se localiza uma certa ideia de felicidade...

De repente, a meio da manhã, perto do almoço, fiquei pensando nas obras de Torrente Ballester no Instituto Cervantes, ali na Rua De Santa Marta. Também lá havia algumas de Borges, em cuja idiosincrasia literária nunca havia mergulhado (“Ficções”, “O Aleph”). Depois, a representação social das coisas, a companhia da mãe, sempre no seu posto, e a visita do Filipe, ante o sacrifício de me conter sexualmente. Entendia o celibato dos padres numa sociedade prenhe de adolescentes e púberes que procuravam o seu caminho numa sociedade nacional ainda assim admitindo que havia muito que fazer enquanto etnólogo. Bastava dar umas voltas no Mercedes, prioritariamente até ao norte. Ainda pensei ir até Bragança, Rio do Onor, por exemplo, mas decerto que me perderia por lá, como em braga ou viana. Ir a Montariol era como que uma sensação agridoce, local e cidade onde fui feliz e onde não fui, talvez nem sequer por culpa minha, pois estas coisas estão-nos no sangue...esse Toc anal que nunca mais me largava. Também já há muito tempo que não ia a Monte Redondo, não sabia como as coisas estavam por lá, bons tempos que passei por lá, junto do Sr. Dias, que deixou o trabalho do fabrico dos carros de bois a quem? Não sabia...

Fernando Pessoa como o transgressor disciplinado e um dos primeiros antropólogos sociais modernos portugueses. Depois, lembro Boris Vian (“O Arranca-Corações”) e aquela que consideraria uma das melhores obras de sempre da literatura alemã e das que me têm passado pelas mãos, “A Essência do Cristianismo”, de Ludwig Fuerbach...

Há que ser diferente, remar contra a maré torna-se a mais forte, para bem e para mal. “Ou é ou não é”-diz o programa da TV, diz também o meu irmãos, mas isso eu compreendo, pois quem tem filhos tem responsabilidades de não pode viver da filosofia, tem de usar de pragmatismo. Às tantas vais esquecendo a América e mergulhas num espaço repisado e procuras dar-lhe vida, ser a vida dele em toda a sua extensão.

Depois, deu-me vontade de pegar em alguns italianos, cinema, até, ainda que tivesse na gaveta da memória alguns franceses, como Baudelaire, Rimbaud, num tumulto interno em que vivia o meu coração por fazer coisas e mais coisas.

Depois do almoço, bebi um pouco de vinho. Branco. Lembrava-se de Ana Boleia, não sei porquê, tentara contatar vários colegas, mas eu vão, não conseguira localizar nenhum, estava a maioria ou no ICS ou fora do país, cientista social é assim, não gosta muito de estar plantado como está a minha mãe, entretida com as plantas, sendo que vá até à cidade de Cavalieri dentro de uns dias para tomar o ar da Serra da Estrela.

Por outro lado, Lérída e Montargil não eram nenhum handicap, mas experiências e armas poderosas sobre como lidar com aquilo que o homem comum e até o erudito tende a fugir, ou seja, a metafísica das coisas...

O antropólogo não sabe (que sabe) por isso precisa de perguntar. O filósofo julga que não sabe (e não sabe mesmo) e não pergunta a ninguém, está à espera de uma crítica ou observação, porque é tímido e procura o mundo na sua cabeça. Por isso, ambos tendem a enlouquecer, porque não entendem o homem do senso-comum, que é aquele que realmente interessa, como dizia Sócrates. Está nos azulejos de uma estação de metro em Lisboa.

Soube, nesses dias de quase verão, que iriam fazer mais um museu em Alcamen, desta feita na filarmónica, sobre a filarmónica, diga-se, em abono da verdade etnográfica. Não me convidaram, como não me haviam já convidado para aquele que estive na antiga estação de correios e que não sei para onde foi, talvez para a antiga escola primária. Oxalá que não se esqueçam que o Senho Barilaro escreveu uma “História da Filarmónica de Alcamen” (dos Vermoim). Isso era quase obra de um licenciado em História, irmão de amigo meu, que no outro dia me ignorara a presença em frente da Junta de Freguesia. Eu não me esqueço dessas coisas, até porque estudei Museologia Etnográfica, entre outras poucas coisas... Se não me dizem é porque não querem contar comigo. Há uma felicidade aqui, neste instante, que eu quero que perdure, mas não a consigo aguentar e acabo por beber um pouco, fumar um pouco, entre as vozes e similitudes de um real demasiado calmo e surdo...como uma morte lenta, diria Sartre ou Blanchot.

Eis então que a felicidade se torna insuportável e te julgas abandonado por todos, que te julgam calculista, desnecessário ou louco. Mas tu prossegues, nem sabes como, talvez como uma nau dos descobrimentos em Alto Mar, como Fernão Lopes. Sabes e sentes isto porque ninguém te diz realmente nada, a não se que faças um sinal e sabes que já te livraste de boa, por isso tens mais cuidado no que fazes e desafias o estereótipo do escritor devassado.

Não bebas, não fumes, ontem sentiste uma forte dor de cabeça e agora estás sentindo o mesmo, sabes bem onde vais parar com essas manias, é o tilt, como as máquinas de flippers. E esquecendo teus amigos, vais progredindo no dia, não sabes como nem porquê, mas queres saber, umas vezes, outras nem estás aí, apenas queres um pouco da liberdade que a ciencia antropológica não te dava, era um peso difícil de sustentar, em nome do quê, da liberdade (na responsabilidade), da representação social, da memória? EM nome de todas essas coisas estragas a tua saúde...

Em todo este percurso biográfico, autoral, tornei-me artista, não da fome, como Kafka, mas das relações que teço com o mundo, mesmo que este me possa parecer desinteressante e pouco apelativo. Talvez mesmo por isso, como se fosse, ainda, um herói civilizador numa terra bastante estrumada, extremada. Isto já não é somente o doutoramento, é algo de muito mais.

A pior chatice da vida daquele que está instalado é a bonomia, associada à preguiça, à necessidade de provar ante os outros que é melhor. Vivem em conflito, esses tipos, demasiado competitivos, que acham que a vida é tudo menos relaxamento e beber um café despreocupado quando se sai de casa, num lugar inhabitual. Está-lhes no sangue...

De modo que me sinto realizado, não procuro muito mais, não tenho grande necessidade de holofotes ou de mostrar aos outros quem sou. Ainda assim, farei alguma coisa, contra esses exibicionistas que andam por aí. Mas há gente boa, claro que há, mas eu sou míope, não vejo bem...

Quando isto tudo acabar, acabam-se as vaidades tirolesas (porque a mulher gosta de um homem vaidoso, gabarolas e tolo, porque na verdade o sexo é o encobrimento de algo, a coisa mais estúpida que há). Acaba-se tudo e tudo vai parar ao cemitério, como o Adelino, o Domingas, o Charréu, o Brutus, o Colinas, o Cafum mais novo, etc. É que até nas maratonas há lebres... não quer dizer que seja o caso destes, mas de outros que vão andando de um lado para o outro como colibris, sim, acabam-se as obsessões, o perigo, os dias de riso e até de felicidade. Até a tristeza se acaba, para se fundarem dias de contemplação estética quase mórbida sobre a relação entre a vida e a morte e como elas se entrelaçam com certo quotidiano que, enfim, pode ser reportado, como em “Como os Mortos Vivem”, de Will Self...

Essa ideia de sujo, de sujidade, na tua mente, não a partilhas, guarda-la para ti até desaparecer dentro de ti, talvez pela sanita abaixo. É um escritor de Tortosendo, ali bem perto de Culiviers... Um bebé chora, os passaritos estão animados, está mais quente do que ontem, a mãe não quer deixar levar o carro para dar umas voltas, mas eu tenho paciência e dou-lhe a volta, preciso de estar em forma para dar umas aulas, em Lisboa ou em torno de Riachos, onde ainda faço alguma antropologia...



Ai solidão! Vejo uma entrevista com o Quimbé no programa da tarde da RTP e vejo a apresentadora a chorar, a Tânia Ribas de Oliveira. Sim, já me lembrei, tenho aliás a obra à minha frente, lido durante o trabalho de Campo no Monte Redondo, quando fiz lá um acampamento para jovens: “O Império do Sonho”, de Alfred Kubin, pela Vega, em Lisboa.

Depois, tenho “Memória”, de Jean Meslier. Um livro que se insere de maneira curiosa em outras leituras que fiz, como “Manual de Filosofia Política”, de João Cardoso Rosas (org.) e um outro de Mounir hafez, “Entre Tradition et Pensée Contemporaine”. Estas coisas, ideias, têm algum interesse para um jovem ou uma jovem que queira pegar nisso, nestes temas ou autores. Mesmo que seja gente do ISCTE, depois de me mandar à merda, tomai lá do Mota. Ou da FCSH, pouco me importa.

Parece estranho: a meio da tarde, hora da sesta, oiço “My Way”, do Sinatra. Sorvo um pouco de vinho e vou fumando um cigarro. Estou cheio de sono, mas não vou à cama. Fico aqui, neste esforço para continuar a escrever este livro.

Parece que, depois da morte do meu pai, tudo ficou mais pacificado, incluindo a minha mãe. Não foi um alívio, pois eu sentia saudades dele e a minha mãe a falta física e psíquica dele...

A pouco e pouco, creio que vou encontrando algum equilíbrio psicossomático, enquanto ganho vontade para dar aulas, até seria perto de casa, para estar perto da minha mãe, não sei bem como vou fazer, nem que seja umas oito horas apenas...

Dou por mim várias vezes a lembrar os tempos das obras em que o Albino andava envolvido, os materiais que tinha de arranjar para construir as casas, tudo isso, mesmo que a mãe tente branquear tudo isso, eu continuo lembrando e o caráter irascível do meu pai é aplacado.

Fui ao Café Horto e conheci uma miúda que estava em serviço há dois dias, da freguesia da Memória, que já pertenceu aos termos de Alcamen no século XIV, quando se desvinculou para formar uma nova freguesia.

Finalmente, um pouco de sexo em condições na minha vida, em três anos apenas o fizera uma vez, estava bastante desejoso de encontrar Aline e levá-la para o meu quarto. Um pouco menos me interessavam as tricas académicas, a maior parte delas mesquinhas e lembrava María Zambrano, a intelectual do povo, da classe operária e eu da Voz do Operário e outros lugares de ideias quejandos, relativos à consubstanciação do devir e da boa vontade...

Senti que tinha ceder, ao meu entusiasmo, à minha vontade de fazer coisas, a tantas imagens que podiam a alma e o espírito de um tipo que era um aldeão citadino, um pouco ao estilo da aldeia global de Marshal McLuhan.

Vermöhlen tinha-se transformado numa aldeia global, como outras mais e o meu papel nisso teria sido o de mero observador-participante. Ainda continuava ali, agarrado à minha mãe, porque era feliz... Como o fora o meu pai na sua aldeia, onde construía e se expressara por exemplo no grupo público do Facebook, Os Faoragidos de Vermöhlen.

Era estranho, um tipo como eu, bem parecido, de poseus, inteligente, com provas dadas na sociedade portuguesa, não ter o interesse prático de nenhuma namorada, especialmente em Lisboa. EU levava todo esse despeito às costas e lá ia fazendo o meu caminho, o melhor...

A minha inspiração, que eu pensara estar exaurida, estava longe disso, de estar esgotada. Se era ostracizado fora, antes de mais, pela minha conduta e ideias, que em grande parte eram contrárias ao status quo, mas eu não me gabava disso, de ser um revolucionário tranquilo como alguns generais obreiros do 25 de Abril.

Estivera na extrema esquerda e o meu voto era ao longo dos tempos, PS, ainda que por circunstâncias que tinha a ver com um alinhamento de certas ideias ligadas ao ideário marxista, a um certo activismo, tivessem que ver com o Bloco de Esquerda, o Livre, o Volt. Oscilava assim a minha tendência para estar ora num lugar ora noutra, ou seja, ser uma abelhinha obreira nesta colmeia que era a nação portuguesa. Estava a ler a gesta d'Os Lusíadas e lembrava-me de onde vinha, do fundo do convento, para o fundo psicanalítico e amoroso da sociedade a que pertencia, ainda que sem grandes palmas e palmatórias...

Se o mundo estava cheio de injustiças, a minha era certamente uma das mais atrozes, um homem tolhido ao silêncio à indignação e ao estertor, sem prémios alguns, quando há muitos garotos de 25 anos que ganham prémios literários de 50 mil euros e eu nem dois mil e quinhentos tinha para apresentar a minha tese, ainda pra mais antropólogo da melhor universidade portuguesa em ciências sociais...

Procura ter calma, estender no tempo a minha vindaça pessoal, tipo Jackson Browne. O mais difícil estava feito e ainda assim eu continuava, persistia, aplicava-me ao estudo e à leitura, desde a antropologia cultural à química, física e filosofia, lembrando os meus mestres, tentando superá-los e deixando os garotos continuar no seu caminho, de peregrinação do saber, académico ou *rual*...

Um porta que se fecha, outra que se abre. “Abrir portas onde se erguem muro”-eis o lema do jornal que compro, amiúde, todos os dias. O carro passa, eis a indignação, eis os meus inimigos que me puxam para baixo. Mas eu não dou a outra face, nem sempre dou, na maior parte das vezes até dou, não dou réplica, outras dou mesmo, tal a injustiça da situação. É esta mentalidade miserabilista que eu tento combater, nesta sociedade conformada ao turismo, só para dar um exemplo. Mas, por isso o miúdo foi para Cuviliers...

Desvelo. Deslindar, tornar feio (feito) o que é lindo, como um pensamento obsceno sobre o corpo e as proporções da alma. O maior desafio do artista é ser um cidadão validamente reconhecido, não tanto pela sua obra, mas mais pelo seu comportamento, o que não é fácil de conseguir. Ainda assim, também o político tem defeito, numa forma infâme de dominar e governar, a quem se deixa ou não governar.

Aí está o coração, errante ou ordenado sugundo os padrões dominates e a heterodoxia, ou seja, a tentação da centralidade de que o artista também é actor, autor...

A cultura japonesa face à ocidental. De um lado os ordenados, apocalípticos integrados (Eco), do outro os animais, os desordenados, aqueles que têm os olhos como bugalhos, como dizia a minha avó, todos “arriguilados”. Depois, o que Denis Saurat chama de “civilização dos insectos”, por anomia à civilização chinesa e à imagem das formigas, por exemplo, o que nos leva à canção de Zeca Afonso, “a formiga no carreiro”...

As placas . O enchimento dos conceito e das placas de significados ante um propósito mais ou menos franciscano de Ernst Jünger.

Naqueles dias, estávamos a tratar da campa do Aldino, o meu pai, cujo nome poróprio herdei. Também me sentia (ainda) como ele naqueles dias e haveria algum respeito e considerar tudo isso. Em nome do Pai. A minha vida honrava o seu legado, ainda que tivesse limitações e muitos pensamentos intrusivos. Ainda assim, há dois dias (quarenta e oito horas) que tinha o rádio ligado na Smooth FM, caíra no dia anterior na casa de banho desmaiado, vomitara, perdera os sentido e fizera um lanho na cana do nariz, mas poucos dias depois fiquei de novo bom, pronto para voltar aqui, a este lugar de entendimento e entediamento...



Eis, portanto, algumas considerações mais ou menos literárias sobre o propósito das coisas naqueles tempo, enquanto uns não davam cartão cá ao pai, outros davam em debandada para a França e a Alemanha, enquanto o Tim já havia ido desta para melhor e eis que avançava para as contas daquele dia, com calma, não me julgando nem o melhor nem o pior, a solidão tinha destas coisas, mas em breve estaria com Aline a poderia dar vazão a todo o meu sentimento, ainda que ela fosse casada, o pior é que o marido, embora autorizasse o transacto, queria ver eu a fazer amor com ela, coisa a que não estava especialmente disposto, mas também não me causava nojo ou repulsa, dependendo da intimidade com ela e ele, dependendo se era boa ou não, enfim, nisto, os holandeses poderia dizer melhor porque desde cedo dormiam e tomavam banho com os seus filhos e até tinham relutância em levá-los à escola. Acerca distoe de outros assuntos, Rentes de Carvalho poderia dizer um par ou mais de coisas, que eu não ficaria mais enganado do que aquilo que já estava...

Ninguém é simpático enquanto não preenche as suas necessidades. É o que é. Mesmo os monges precisam de, pelo menos, comer, para desenvolver as suas aptidões fenomenológicas e metafísicas viradas para o divino. Mesmo assim, há sempre aqueles que pretendem mais e mais, seja de uma coisa seja de outra. Eis a minha mãe. Eis a realidade, eis um vizinho que me ignora, agora que está instalado num espaço que foi meu. Eis uma irmã que me faz geitos, mas que só me dificulta a vida. Eis um homem de cinquenta e quatro anos ainda sem mulher, sem grande emprego e que acorda mal-disposto. Ainda assim, de tudo me chamavam, desde chulo a bicha. Mas prosseguia, podia muito bem estar na América e, não sei porquê ou por um certo número de razões que só compreendo eu, acabei ficando, ficando, até me tornar numa peça importante, pelo menos de Riachos e Lisboa, algo que tanto destoa quanto se insere, algo como uma personalidade forte e fraca, quando assim tem de ser.

Também me chamavam pedófilo e esquizofrénico, mas, no meio do universo de vozes que entravam na minha cabeça, eu procurava distrair-me, não dar atenção.

Nisto tudo, vejo ou revejo Taxi Driver. Encantado com o desempenho de De Niro, procuro assentar a mente para os dias que se avizinham, tomo um registo etnográfico e preparo-me para dormir. Sou um artista apertado com as curvas do carácter e a censura dos meus, que por vezes não querem que seja livre e outros, que não respeitam devidamente a minha arte. A propósito: pela segunda vez, a psicóloga desconsiderou-me enquanto escritor. “O que é que você ganha com isso?”- disse. “Olhe, da tese foram já feitos mil e quinhentos downloads. Ocorre-me que poderá ter sido alguém meu conhecido, é só uma ideia, pode não ter cabimento nem corresponder à verdade. Sim, na realidade, poucos livros vendi. Mas continuo, em tudo o que um antropólogo pode fazer nesta imensidão do mundo da vida. Ao menos tenho a satisfação de estar fazendo algo de válido, ainda que não tenha efeito imediato, dá-me paz e mantém o meu espírito entretido.

Passou o dia em que o meu pai faria 82 anos. Dentro de três dias fará dois meses que ele faleceu, a minha mãe veio dizer-me pela manhã estava eu a vestir-me. Coitada, hoje a voz dela estava mais arrastada, à medida que falava com o meu irmão e a minha cunhada. E estou aqui, contendo-me, não sabendo bem o que fazer, por isso vou tentar dormir, para amanhã acordar pelo menos tão bem quanto acordei hoje. Liguei à minha irmã para perguntar quando teria de vir de Lisboa, encarei os dias como oportunidade de escrever coisas engraçadas e minimamente válidas e até credíveis, ela não atendeu e dali a pouco mandou uma mensagem seca, “Diz”, como se não tivesse tempo, como se lhe estivesse a estragar a festa. Parecia finalmente que as coisas se estavam a encarrilhar, estava entusiasmado com Aline, não era bem o que eu queria, mas como estava sem sexo há vários anos, optei por avançar, ainda que tivesse na sombra o seu marido, que dava assentimento e até queria participar. Um trio, isso mesmo. Um *ménage à trois*, coisa que nunca havia feito nem, se o fizesse, sabia como poderia correr. Tentava não pensar demasiado nisso. Depois daquele dia seriam as Eleições para o Parlamento Europeu e eu ainda não sabia em quem votar, talvez no Victor Bandarra da TVI...

De repente, com esta coisa de Aline, tudo se desvaneceu, a tensão, as preocupações, andava mais alegre, menos crítico, mais satisfeito com o mundo, ainda que tivesse motivos para me sentir revoltado com algumas coisas e com alguns tipos. Longe estavam os personagens que indiquei mais acima, nas primeiras páginas. Mas tudo bem, faria outras tramas, leria umas coisas, aqui e ali, mesmo com os óculos de ver ao longe, tendo esquecido aqueles que tinha para propositadamente ler. Deixara de ser um pára-raios dos outros e de tentar ser bombeiro, fosse de questões metafísicas fosse existenciais em geral, porque ficava sempre perdendo, infeliz, com isso, característica que sempre tive, desde o seminário até à Antropologia e à Filosofia. Chovera, finalmente um pouco, o verão começaria no final do mês e a trovoadas fazia-se sentir no horizonte perdido da entremeada luz artificial nocturna.

Tudo isto me deixava ansioso, pressão de todo o lado, até mesmo da psicóloga, que queria que eu sucedesse a mim mesmo a todo o custo, fizesse o que não fizera em anos ou que deixara inabado na juventude que não havia tido. Entretanto, era, seis da manhã e eu já a pé, fumei um par de cigarros e continuei a minha demanda entre quatro paredes, sempre pensando em Aline. O sono viria dali a pouco e tive de me deitar novamente, porque não sabia o que fazer. Por veezs, mesmo não bebendo, era um inferno, tinha pensamentos intrusivos de todo o lado que fustigavam a minha mente e que impediam até o são convívio com a família, o que valia é que tinha bastante paciência, e embora a coisa ficasse cravada na mente, deixando um rastro de destruição, eu não reagia e procurava ser pacífico com os outros e até comigo mesmo. Voltava a fumar um maço e meio por dia, fora da conta de um maço por dia, como desde os vinte e dois anos, altura em que comecei a fazer trabalhos de grupo sózinho, por meu empreendimento, no velho Macintosh Classic.

›E então, acendeu-se o rasilho, mas durou pouco e ainda bem. O meu irmão continua a corrigir-me o comportamento, coadjuvado pela mulher. O cunhado continua a chatear-me a cabeça, mesmo ao longe e na ausência, tomou conta de tudo, a minha irmã está mais distante e eu pouco me importo. Vou deixar de ligar, alimentar uma coisa em que nem eles acreditam, a coisa de mim-mesmo. Então, disse-lhe “Não ligas e quanbdo eu o faço é pra tu descarregares”. Acho que me tomaram de raiva por causa da Filosofia.

Podia queixar-me muito dos meus, até injustamente, mas mesmo assim, era um tipo de sorte, os meus tratavam-me das coisas, dívidas e tudo o mais e, nesta questão de partilhas em que estávamos envolvidos, tinha sorte em ser filho legítimo. O meu pai tivera um descuido enquanto jovem, como muitos, homens e mulheres, têm, sempre evitou isso devido à mentalidade de um país matricarcal que chegou até aqui, a esta data. Não podemos negar que foi ele que fundou o país em que estamos, por isso a conversa de certas feministas em geral e homens feministas, não colhe senão em determinados contextos socio-culturais, as chamadas minorias.

Lily podia ter razão, a sua razão, mas eu tinha mais do que ela, pelo menos estava conseguindo pagar aos bancos e às finanças. O meu irmão mexia nos papéis do velho para os organizar, enquanto a pequenita estava enfronhada no computador, no dia seguinte voltaria a Lisboa para me encontrar com Aline, uma carente mulher casada, com o consentimento devido do seu marido, não sabia ao certo quanto iria durar a coisa. Deixava-me andar, fazer vaguear o meu espírito para evitar a violência da ditadura do real.

Passou o dia das Eleições Europeias, o Partido Socialista, em quem votei, ganhou e eu caí abaixo da cama nessa noite, fazendo um lanho no meio da testa. Deveria de ser suturado, mas vou aguentando assim. A seleção joga amanhã, hoje é dia de Portugal, Camões e das Comunidades Portuguesas, seguem-se os santos populares em Lisboa, primeiro e no Porto, depois.

Desisti de tentar dsecortinar da minha cabeça uma solidão para a minha tristeza e inquietude, vou estar calmo e atento, a ver no que dá, se alguma coisa do que semeei pode nascer, pode ser colhida.

Lutava para não me ir abaixo, para não esmoecer, por tudo o que tinha feito e escrito, por um doutoramento que ainda teria de concluir. Por vezes, a casa parecia-me composta, plena, perfeitamente moldada à minha mente. Por outras parecia-me vazia, deslocada da visão...

Nesta coisa das partilhas, reparei como o meu pai tinha os bens todos cuidados e admirei a casa velha que ele recuperou em Santo Elói. Tinha geito para recuperar partes de casa segundo os croquis do Sr. Florêncio.

Deresto, não tenho sentido grande inspiração para continuar este relato, esta narrativa, esta meia-verdade e meia-ficção, com mais ou menos personagens. Depois de amanhã regresso a Lisboa.

Mas estava mais calme e ciente, ainda que pensasse ainda na Ana, um amulher pequena e quente, mulher da vida, que decerto se estivesse disposto a pagar algum dinheiro, me daria algum carinho íntimo, pois já a conhecia de vêla na rua e no supermercado, sei que ela simpatizava comigo, não fora ser mulher da vida já me tinha aproximado dela, talvez por isso viesse a aproximar-me....



Mas, em tudo isto, se não vendia livros, porque (razão) continuar a escrever? Porque não ficar por aqui e desligar de tudo, importante tudo mais os seios das mulheres, com os quais estava obcecado? Dia após dia ia ficando mais louco, esta era a verdade, só pensava em seios e vaginas, posições, conjunções, fluidos. Ainda no dia anterior pensei ir a Pombais, comprar o jornal e dar por lá uma queca, pois já havia recebido, mas optei por carregar o telemóvel com algo mais do que o esperado e pagar a internet da casa de Lisboa.

Sim, estava em pulgas e nem o facto de me masturbar de quando em vez aplacava o meu desejo por ter um corpo atrás do outro. Esta era a minha vida, ali, junto à minha mãe, com a pequenita, que estava já de férias escolares e com a limpeza dos terrenos que outrora pertenciam ao meu pai.

Sim, desejava um corpo, nem que fosse por minutos, já que em três anos estiveram apenas duas vezes com uma miúda e atribuía tudo isso à filosofia, descendo de nível várias vezes só para ter acesso a esse mesmo corpo. Era notável como conseguia resistir e depois tinha pruridos para ir a uma prostituta.

Andava eu nestes pensamentos, para trás e pra diante, sem saber o que fazer, comecei a colocar anúncios em revistas do coração, ainda estava obcecado com seios e pitos, mas estava mais calmo depois de falar com a psicóloga do grupo Vita. A noite caía e eu estava calmo, a mãe via o Joker, com Vasco Palmeirim, antes de se deitar e eu lá punha mais um anúncio. Estava desesperado por sexo, desejo que aumentava a cada momento que via uma mulher atraente na TV. Mas estava disposto a esperar, talvez meditando dentro de mim mesmo acerca da injustiça em que vivia e na qual condição ainda tinha sorte...

Cinco dias, cinco noites, com Paulo Pires e Vitor Norte. Nunca mais me esqueci.  
“Zulmirica, hlec, lherc, chic chic, anda lá”.

Os gatos comem, os cães envelhecem, e não estamos em guerra, pelo menos não há bombas por cá, eis a metodologia da fé.

Preciso de umj calçozito, ou não, ninguém sabe onde isto vai parar, vai dali uma voz discordante, vai dacolá uma voz discordante, um pouco de vidnho , uma voz de assentimento, Artaud, está tudo bem, sem não esquecer o celeberrimo Baudrillard, especialmente em “L'Amérique”, edições Folio, Rue de L'Université, tal com a Avenida Heróis do Ultramar em Pombal.

É estranho, ou não, como a permanência das estruturas mentais modula as relações. Isto pode manter-se por décadas, séculos. Mesmo nos EUA, o patriarcado e a reiteração de uma certa forma de masculinidade, predominante, pode registrar-se. Isso faz parte do que é ser-se humano. A meu ver, o que é lamentável não é que haja homens machistas, pois sempre os haverá, mas mulheres machistas, estas repetem-se no tempo como estátuas de sal...

Naquela noite de verão, vinha do café, onde fora charlar um pouco e comprar tabaco, depois de me ter despedido da velhota e da pequenita, resolvi meter um cigarro na boca pra calar a minha consciência irrequieta, ao mesmo tempo que o acendia, fazia hummm, como fazia o Pimpas nos tempos do jornal semanal lá em Pombais, a sete quilómetros do local donde escrevo.

Lembrava-me do Páris, o tipo que andava sempre no grupo d afrente das corridas e que chegava ao café e fumava desalmadamente um cigarro, talvez fumasse menos do que eu, na sua mecânica das coisas e das ideias e eu, na minha, estivesse ficando gordo e precisasse de um incentivo para voltar a correr.

Naquela altura, corríamos só por correr, era o convívio entre os atletas, mas também gostávamos de ganhar. Em tudo isto, devo agradecer ao Moreno por me ter ajudado na tese, muitos dos argumentos que teci ao longo de cerca de seiscentas páginas foram por sua influência, a ideia do estar aqui e estar ali, acolá, ao mesmo tempo. Principalmente essa ideia, motriz no meu argumento e que tem muito de heidgeriano, e pouco que ver com uma certa teologia da crença num ser que nos substitui enquanto entidade benfazeja, o que nega de alguma maneira a nossa humanidade mas por outro lado a reafirma, reitiera, para que nos tornemos mais fortes, porque juntos, unidos num positivismo que acredito todo o homem ter.

Ainda assim, o meu pensamento era demasiado anal para o meu goto. Gostava de progredir, como em outros tempos, sem ter essa sensação atrás de mim, o caminho era em frente e por vezes eu não via bem, a minha mãe deitou-se, a pequenita também e eu iria dormir mais uma vez sózinho. Mas, nisso, não estava sózinho. Outros dormiam sós, na cidade, na aldeia, como Ferdinale e Tomás, o novo inquilino da minha anterior casa, o apartamento no Parque das Nações, onde toda esta aventura principiara, esta coisa dos livros e da tese, tendo continuado na casa limpa de Moscat. Dizem que o doutoramento não é o fim nem o princípio. Pois, para mim não foi mesmo e até sinto necessidade de parar ou, ao menos, de abrandar. E vou saboreando, menos sôfrego e impulsivo, porque gosto essencialmente de viver, de estar vivo, seja para dar testemunho de mim mesmo seja dos outros.

Consegui dormir, finalmente, às três da manhã. Fui tentado a ir buscar mais vinho, mas resisti, fumei um par de cigarros e voltei para a cama, sempre ligado à Radio Comercial. Levantei-me mais leve do que ontem, com um pensamento insistente que se desdobra em dois, na ponta dos quais oscilo, como dupla hélice, aos quais ora me rendo ora resisto, ora supero. Mas, com o correr do dia, ainda que algo cansado fisicamente, lá vou andando, tomando notas no quatro a giz, no caderno que comprei no Brejeira me continuando esta obra, onde a inspiração não sai correndo, é as repeleões que me assiste...



Ainda assim, nestes dias de estio sorôdio, fico pensando na sorte que tenho de ter tempo para desenvolver uma obra mais ou menos válida, tanto acintosa quanto generosa, ou seja, tanto envolvido num comprometimento do mundo como dele retirada, afastada, para o ver melhor certamente. Um caminho quase sempre solitário onde o pano de fundo são os autores e alguns temas conceptuais, figurativos, abstratos, partindo de uma certa ideia de sociedade, de sociedades, que se vai desenhando na mente à medida que os neurónios se articulam logo que pego num livro de Hobbes, a monadologia e vejo que as mónadas são nómadas mas também gostam de sedentarismo de quando em vez, quando precisam de refletir. Daí o Sobrinho Simões.

No ISCTE, que sempre admirei e respeitei, um grupo de alunos aproxima-se de mim e um deles diz-me “és uma merda” Eu olho para o grupo para ver o tipo que me ofendeu e dá-me a ideia de lhe dar um soco, mas opto por me refrear e acabo por me retirar e abandonar o edifício. Quando sugeria o Doutoramento Honoris Causa talvez tivesse bastante razão...

Ao mesmo tempo, sentia a energia psíquica da minha mãe subsumida ao seu corpo. E tinha medo, medo de morrer e ficar para sempre em Vermöhlen, encostado a uma certa maneira de ser e de estar, em que também via vantagens, tal como a independência de espírito, o que não tinha preço sem conta...

Senti um ligeiro incómodo, não me fazia impressão e voltei à Casita do Jardim, depois de uma sesta. Estava decerto mais velho e tinha que ter muita paciência comigo. “Se não mato a saudade / é ela que me mata a mim” -diz a canção. Nada melhor que uma boa cama para acolher um homem cansado das lutas da vida. Não conseguia parar quieto junto delas, pelo que estava andando de um lado para o outro no atelier da Casa do Jardim à espera que fossem embora. Estranho bicho que sou, que não convive com toda a gente!...

“Mãe, a Sandrina deixou-te algum dinheiro pra mim?” -é isso que lhe pergunto. Preciso de ir ao café comprar tabaco. Amanhã há jogo contra a Turquia. Já deveria ter ido embora eu estava sofrendo mentalmente qualquer coisa que não conseguia explicar, como se tivesse a cabeça entre os joelhos, ensimesmado em mim mesmo, impedido de viver plenamente por emedo da morte, pela circunstância azarada da contingência do Ser ali acostado...

Deprimido e cansado, não sei por onde ir ou se a direção que vou tomar será a mais certa. Mas alguma coisa vou fazer. Mais logo, Portugal joga com a Turquia, para o europeu, sinto o Pepe a vomitar em 2016, na minha cabeça, tive dificuldade em levantar-me, sonhos e alucinações, mas lá arribei e nesta hora estou bem.

Entretanto, lia um livro sobre as incidências da vida literária de Eça de uqirós e sua obra e tinha em vista O Som e a Fúria e As Vinhas da Ira, de Steinbeck e Faulkner.

O corpo estava lasso, por vezes sentia-me bastante mal, fisicamente, mentalmente, mas procurava sempre fazer alguma coisa, estar ocupado. Já era tempo de publicar, mais uma vez, nem que fosse para mim mesmo, enquanto se seguiam algumas traduções da minha obra em inglês, francês e espanhol...

Coisas mínimas. Dava-lhes demasiado importância. Ou já não tinha a energia de outros tempos. Energueia. Mesmo assim, partia dali para outros voôs, para o prático, o grande, o panorama. Lembrava-me dos tempos de seminarista. Tinha empenho. Agora também vou tendo. No dia seguinte, voltaria para Lisboa, não sei com que energia, energueia. Os passarinhos cantavam e picavam-se uns aos outros com ardor porque estavam em época de reprodução, mesmo depois da Primavera. A primeira verdade, a da reprodução, quando o que estragou a ocidente foi tornar o sexo não em algo que se merece, mas que se faz de qualquer maneira, a todo o momento, o que retira ao ato a expectativa, que é o que é verdadeiramente excitante nele...

Tinha a grande cidade perto de mim, no meu coração. A todo o momento lhe poderia aceder e quem sabe receber alguns aplausos pelo que tenho feito, escrito, pensado, falado, apesar de certos dias e momentos serem terrivelmente angustiantes. Ao menos estava vivo, essa era a minha grande vitória, que não era uma vingança, mas apenas como as coisas são. E se proporcionam ao olhar, ao gesto, à palavra...

Dava por mim a pensar nos urinóis de Duchamp, as pequenas perceções no WC, como pontinhos pretos ou as cuecas usadas a um canto ou uma punheta batida contra a retrete ou para o chão da ducha para depois passar com água (não diria lavar, porque o sémen não é porcaria) ou deixar a pingarelha secar dias e dias até ganhar crosta. Reparei que as moscas não gostam de sémene, nem os insectos em geral, pelo que poderia ser um desinfetante para muita coisa... Ser homem tem destas coisas, ao menos as mulheres não deitam nada cá pra fora, naquelas excrescências do seu sexo labial, o onde anda sempre preocupado onde deixou o seu líquido vital...

Mas elas têm o sangue menstrual, para além da urina, o que pode ser bastante angustiante, basta ver o que sentimos quando ao defecar temos sangue nas fezes e de várias cores, se for preta é uma merda, se for castanha é outra merda. Agoara apanha a ver se gostas.

Sobre o meu pai, faz tres meses que faleceu. Por um lado, permitiu-me muita coisa, por outro fez-me a vida negra. Esta semana ainda não me fartei verdadeiramente de estar em Vermöhlen, talvez mais lá pra diante venha a estar saturado e decida ir até Lisboa. As pessoas não se importam contigo, algumas sim, outras não, nem muito nem pouco, nada, por mais que faças, por mais te esforços. Vê, nem te perguntam por aquilo que escreves...

Acabou! Ia desistindo, não sei do quê, disso tudo que me perturbava, um problema, uma forma de pensar. Ia assim, adiando uma caminhada, esperando a hora de um jogo de futebol...

As moscas não me largavam de noite, creio que as enxotava mesmo a dormir. O ar estava lânguido, mesmo durante o dia elas não me largavam. As dores de cabeça, ao deitar, eram inevitáveis. Conseguia acordar bem disposto e preparava-me para dar aulas ao segundo ciclo, não sabia bem o que me esperava, mas preparava-me. Muitos anos depois, voltaria a dar aulas, agora mais sábio e experiente, qualidades que fariam a diferença nesta profissão, como em qualquer outra, de resto.



Eu balanceava entre a irresponsabilidade do criador e o sentido de responsabilidade do professor e antropólogo, passava dias sem ver mais de duas ou três pessoas, a maior parte do tempo estava com a minha mãe, a pequenita também veio passar umas temporadas a Vermöhlen, mas pouco empatizava comigo e eu optei por não a chatear mais. Portanto, como conciliar a arte e filosofia, o vazio da filosofia, quando desde 1997 que não parara mais para estudar outra coisa que fosse, tendo chegado a boas conclusões e tendo esperança de que discutiria a tese em breve, presencialmente ou por videochamada, tinha ainda vontade de dar aulas de filosofia e de algum modo mostrar as minha teorias, ainda que fosse fazer um interregno para dar aulas aos pequenitos.

Fazia calor na Casita do Jardim, as moscas insistiam em chatear-me, desta feita bebia menos vinho, ante as minha incoerências de espírito e lá fumava um cigarro ou outro até ao fim, calmamente, esperando o tempo passar, à espera que me viessem algumas ideias e vinha, decerto, algumas. Finalmente, intui que todo o meu mal-estar, que oscileva com períodos de delírio e afirmação, era por causa da casa, não adiantava iludir-me. Já passara o tempo do esforço, mas a espera desesperava-me. Podia ser que dentro de meses tivesse o dinheiro para a discussão pública, advindo de uma indemnização por parte da Igreja. Ainda o caso de Montargil...

De cigarro na mão, procurava dizer alguma coisa ao mundo, continuar qualquer coisa, nem que fosse a ter esperança. Vinha de um deserto de ideias, boca torta e ia para o outro, mais uma semana em Vermöhlen com a minha mãe, depois outras semanas entre lá e cá até conseguir dar aulas aos pequenitos.

No norte saber que podes ser honesto sem consequências. Por isso eu compreendo a minha mãe. E eu sou do norte, bem do norte, ainda que goste de Lisboa e a tenha adotado como minha cidade, a cidade suja e negra.

Um dos segredos do dia: não vale a pena estar sempre alerta, com o ego inflamado, há coisas que existem e não nos dizem respeito. Cuidemos daquelas que nos dizem respeito.

Era, ainda, eu contra o mundo.

Fim de tarde. Fumo um cigarro, pensando não sei no quê, na vontade de estar em Lisboa, perto de qualquer coisa de importante, quando o que tenho aqui, em Vermöhlen, também é bastante importante. Enfim, são as coisas da vida. Opto por não falar sobre uma pessoa que conheci, espero que não seja mais uma que vem e vai, em vez de vai e vem. Ainda que fosse assim já não seria mau.

É interminável a minha dor. Sofro, talvez mais do que outro qualquer por ser cientista social. Estar em casa, embora com a mãe, é penoso, não se fala com ninguém. A consulta de psicologia ficou para amanhã por indisposição da doutora.

Dói, o tempo que passa. Por isso procuro regatar um ou outro personagem no ensejo de sair deste tempo em que todos estão, de uma maneira ou de outro atônitos com a realidade, vítreos como o vidro, ziguezagueando em suas intenções, sem se preocuparem com o papel em branco, logo, com a posteridade postergada.

Uma eminate caminhada. Eis o óbvio e o obtuso, não fui comprar mais o jornal à cidade mais próxima, trato da aldeia como se me fosse estranha, como se eu nela fosse estranho, muito tive de vencer para fazer vingar a escrita, talvez pela primeira vez esteja livre para escrever e não perceba isso, agora que não tenho comigo a pressa do meu pai, a urgência do ter que ganhar a vida. Ainda assim, terei de ganhar a vida, a começar daqui a dois meses, mais coisa menos coisa...

Para este título inspirei-me, obviamente, numa obra cinematográfica. Trata-se de *Europa*, de Lars von Tryer. O meu comboio também tem estado mais ou menos parado, como a minha vida e não raro fica retido numa estação para deixar passar o Rápido, ou seja, aquele que não como este pára em todas as estações. Trovejou. Rezei por que o pára-raios fizesse o seu trabalho. E a mi9nha mãe fez a sua oração. Sonhei que estava dentro da Igreja Velha, a Matriz e que querendo dar uma esmola, não havia caixas para tal. Quando fui comprar o tabaco, ao fim da manhã, estavam duas mulheres a fazer a limpeza e, aproximando-me da entrada, perguntei a uma delas se haveria caixa de esmolas, ao que ela, depois de verificar, disse que sim...

Não estou passando nada bem, acabei de falar com a psicóloga, ainda assim vou levando e levantando os meus dias, falo com o meu irmão e ainda por cima me reprime e diz que eu tenho uma vida boa e além disso uma boa vida. Mas que não ganho nada com isso. Ganha-se sempre qualquer coisa... é tudo uma questão de viragem e interpretação, de gostar do teclado com que se escreve, na neve.

Talvez esteja pagando o preço de ser demasiado independente de me querer afirmar como autor, ler a realidade enquanto autor-ator e não procurar explicações sobre e a partir dos autores, os mais diversos, sim, mas não fiz a tese sem citações, estão lá muitos autores e os artigos científicos que escrevi referem-se a autores, embora tenham muita coisa minha. Mas...o que é meu é teu, meu amigo, e estamos em contexto de ciência como numa bela sardinhada ou num churrasco...

Pensaria que estaria para sempre só, acompanhado apenas da minha mãe e do gatinho Simba, os pequenos de vez em quando, a minha irmã e o meu cunhado, pouco mais. Mas não, sugeriram vizinhos, que se vieram alojar na antiga Moradia Ruas (ainda mantém o nome), uma catrefada de barulhentos brasileiros, de que a minha mãe gosta particularmente e um casal de jovens que também são de quando em vez barulhentos à sua maneira. Vou à rua fumar. Volto, procuro não beber, sento-me bem, embora me ofusquem e atormentem alguns pensamentos intrusivos, merdas de violência e coisas do género, como se a minha mente decaísse para pensamentos disruptivos ou fugisse para cima, deixando a cabeça tonta à toa. Julguei ontem ter tido um AVC, talvez até tenha tido, mas acho que recuperei, não sei como, com o meu instinto de regeneração, por assim dizer. Não está fácil. Faltam cinco dias para regressar a Lisboa e manifestei de novo interesse por livros e algumas ideias, que vou desenvolvendo ou aprofundando...



Sim, talvez pela primeira vez na minha vida estivesse na eminência de fazer o que queria e ser livre com isso, não já antropologia, mas filosofia com o seu perfume. Eu escolhera ser o que era, de fato, os meus pais, ao contrário de outros, nunca me haviam condicionado, mesmo com as doenças que fui apanhando, lá ia escrevendo, literatura, teoria social, alguma filosofia e da pancada que ia apanhando tirava bastantes lições. Assim, fui afinando, ainda que com uma patologia que, literalmente, me custava bastantes dores de cabeça e azar entre as mulheres, o que não é nada secundário, para um tipo quente como eu...

O mundo visível engana. O mundo pode ser uma gráinha, um grau de areia entre os dedos depois da praia. Ontem dei uns grãos de comida ao gato vadio que aparece para comer, umas pequenas bolotas de comida própria para gatos. Dali a pouco voltei lá, onde tinha deixado a comida e já não havia grãos, eles haviam mudado de sítio, a maior parte deles o gato comera-os, mas reparei que ali ao lado havia uns três ou quatro e reparei que alguns deles se mexiam, ainda que devagarinho. Aproximei-me e reparei que eram formigas a transportá-los. Fiquei espantado! Pequei neles e lancei-os para junto do formigueiro, para lhes facilitar a tarefa. Conclusão: mesmo no âmbito do social, o que é invisível pode ser um fato social, não é somente na etologia...

Os nomes dos personagens. A Igreja Matriz, fechada. O mundo, aquele que conheço e aquele que nunca (mais) conhecerei. Os romances policiais. O *brainstorm* no quadro das explicações de matemática. A vontade de dar aulas. O estofo que vou tendo para tal. O rádio ligado e a entrevista da jovem. Os anos que me faltam viver, se me for possível. O Pedro Abrunhosa. Tudo isto e mais alguma coisa, como o calor, o suor, as moscas que entram no meio das nádegas quando estás em plena função delatária. A situação na Venezuela. Os crimes, de violência doméstica e quejandos. Os personagens sem os nomes, vultos na noite que se desenvolvem uns aos outros. A carta e o carro. A condução dos engenhos do moinho e distribuição da farinha pelas aldeias vizinhas. O Sr. Dias, fabricante de carros de bois, que tinha bom vinho, saído diretamente da pipa.

Frases repetidas. Sentidos sobrepostos. A mãe, que protesta comigo por tudo e mais alguma coisa. É exigente, digo à psicóloga, ela diz-me que estou demasiado dependente dela, não sei quem devo seguir, por que caminho seguir, é claro que gostaria de ter uma namorada, já lá vão 14 anos desde a última e em três anos apenas duas quecas. Eu é que tenho ido no vento do tempo e, sem protestar, não faço contas e, achando que é problema meu, vejo mais exatamente que é problema dos outros, delas, mais exatamente, que não sabem o que perdem.

A escrita não é problema, eu tenho bastante talento, mais do que muitos. O problema para a aparente falta de sucesso pode estar tanto na minha conduta quanto no público, que prefere uma coisa mais simples, crimes, floriados, escândalos, coisas para as quais não tenho grande inclinação. De resto, cá vou andando, uns dias mais inspirados, como hoje, outros menos, devo dizer que desmoralizo facilmente, mas logo esqueço, porque sei do meu valor e vou tendo ideias nítidas do que quero fazer, do que aquilo que quero dizer.

O que é que eu faço? Sinto muito. Depois penso, com a ajuda do meu corpo. Talvez a psicologia nada diga sobre a mente em si, mas sobre a relação da mente com o corpo, pois a mente está no corpo, mais do que o corpo na mente. Mas será que ela também fenece com a morte física ou acorda mais-além. Quem sabe, talvez sim, talvez não. Desisti de pensar nisso e em assuntos de parapsicologia e astrologia há já algum tempo. O que sei é que temos o corpo e a ele a mente se vai cingindo, pois é a sua experiência neste mundo, o veículo por onde é transportada para outro lugar, para outra forma de existência, digamos assim. Se é o fim, não sei, não é a minha área de investigação. A minha tem mais que ver com a moral e os bons costumes. A forma como as pessoas se abrem tanto a umas e nada a outras, como se fecham propositadamente de pois disso para sofrer, como têm projetos só para demonstrar à saciedade e à sociedade que também são capazes de afeto, de contrato social, porque não sabem mais conviver com elas mesmas. Têm horror à solidão. Muitas entregaram-se a alguém, outras à solidão, tendo desistido ou não. Enfim, o MEC diria neste assunto algo melhor do que eu, que nem namorada tenho...

Quando bebes ou te drogas, perdes a noção do social de que precisas para sobreviver por outra vida. Mas há drogas sociais, ou seja, facilitador, desinibidoras, que promovem a socialização, o tabaco é uma delas. Por outro lado, a filosofia, quando discutida em público, é uma droga bastante potente, porque nos eleva, ainda que tenhamos pensamentos intrusivos discutimos sobre os destinos de nossos contextos sociais e culturais. E isso é bom. Não há nada melhor. Depois, há a relação entre sexualidade e filosofia. Mas há também Sade, ou seja, a atividade intelectual e até a desportiva parece estar de perto relacionada com a libido. Tal como a do cientista social, como analisou Max Weber em “O Cientista e o Político”.

Se cá nevasse fazia-se cá sky, diz a canção. Vou num rompante mas com alguma calma até ao café, beber café, obviamente, mas também comprar tabaco, ainda tinha um para quando chegasse a casa, pois lá no seu interior não se pode fumar. A mãe vê o preço certo, lembro de Máximo Gorki e do realizador russo Andrey Sokurov. Interrompo os meus pensamentos e deixo falar a realidade, que é também composta do meu pensamento. Depois chega Madredeus e o cigarro acaba. A realidade está congeminada a mim mesmo. Tomo notas um pouco por todo o lado: no Caderno Creme, lembrando o Caderno Castanho de Wittgenstein, aqui, no PC e no quadro, com enorme vontade de voltar a dar aulas, nem que seja aos mais pequenos, ao menos não tenho cunha para dar aulas no sueprior, se tivesse, iria, muitos o fizeram e eu, mesmo depois de passar tanto, iria na mesma. Que se lixe.



Ora, podemos indagar: vale a pena fazer uma coisa e não a outra? Porque tomamos banho? Porque nos alimentamos? É esse desejo de futuro que todos temos, esse instinto de sobrevivência próprio da espécie? Que faz correr o homem? Sim, talvez prefira o bloqueio, a hesitação e a dúvida ao ímpeto emocional. Não sei porquê, isso pode-me matar. Mas pode também salvar-me. A maneira como resolvo todo o conflito emocional persiste em aberto, vão saindo chispas do ser que habita em mim, diferente, errante, original. Como o António variações, de resto.

Percebes isto, meu? Ando eu preocupado com toda a gente, por forma a dar como que uma espécie de síntese sobre o existente e ninguém me liga, ainda me chamam nomes, só me arranjam problemas. Apetece desistir e ser parvo como os outros, ou seja, amador. Mas não, eu persisto, ando nisto todo o tempo até conseguir o canudo, até conseguir dar as minhas aulas. Mais uma vez, penso no pósdoc e ainda não está firmada a tese de doutoramento, o que até é bom, revela interesse e trabalho além de todas as probabilidades...

Quem me manda ser parvo? Depois ainda quero que me tratem como um homem, um homem a sério, que sabe o que quer, determinado e responsável. O problema é que sou isso e tudo o mais. Mas as pessoas teimam em não perceber. Não sinto especial vontade de mostrar mais do que já mostrei, de fazer mais. Acaba por não ter sentido e o meu discurso e comportamento são repetitivos, como se foss eu actor de um determinado papel, uma máquina de agradar aos outros. Isso soa mal e deixa-me infeliz. Mais, magoa-me imenso nos meus sentimentos...

“Cala-te”

Quantas vezes não me disse isso?

Não me quero transformar num monstro. Só sei que nada sei. Não sabias que eu tenho de continuar, como um locutor de continuidade, como aquele que apregoa a Bolacha Americana na praia? Fui habituado a ter pouco e ainda por cima a criar sobre isso, sobre o pouco que tinha. Não me lamento. É a minha condição. Que pode mudar. O homem não é feito para ser herói. Torna-se, segundo aptidões internas e condições exteriores, do meio. Assim se fez o Ronaldo, entre outros, como o Messi, também. Há pessoas que vêm todas as situações como um teste à sua masculinidade ou feminilidade, pouco importa. Estão sempre em conflito, querem vencer em todas as situações e sempre...isso é uma ilusão, há um mundo de aceitação além da derrota, além da vitória constante. Um mundo de fruição e prazer, porque envolvimento e compreensão, dádiva e entendimento do Outro.

Assim, só faz sentido uma sociologia, investigar o social, enquanto o mais distraído desfila na escala social até ao topo, sem se aperceber que pisou este ou aquele. Vejamos as formigas, são organizadas e só quando o bem coletivo é posto acima do individual, o indivíduo beneficia, porque quando está só está entregue a si mesmo. Levas, assim, uma vida, ora religiosa e poética, ora hedonista e capitalista, ou seja, manda a cabeça de baixo na de cima. Por isso eu falava no Estertor dos Critérios, ou seja, a oferta é tanta que não sabemos mais como viver. Mesmo em termos morais, somos um organismo que se move algures na paisagem...

Depois de tanta desilusão com as mulheres, surgiu uma estratégia, dedicar-me ao trabalho, a pouco e pouco, com calma, ainda que não tivesse apoio explícito de ninguém, só o trabalho me salvaria do marasmo em que a minha vida sentimental e financeira se atolara e por consequência a social. Sonhava de novo ir até à faculdade, partilhar ideias, ir até à Biblioteca Nacional, pesquisar um pouco, enfim, andar em Lisboa, de um lado para o outro, sempre seria melhor do que em casa de um lado para o outro. O dia tinha corrido bem, não me sentira tão cansado com noutros dias e antes de dormir retomara o ânimo que perdera por momentos depois do jantar. Depois, a velhota foi-se deitar, fiquei pensando na psicóloga que queria como que reavivar um morto e que de certa maneira o estava conseguindo...

Outra coisa que vou notando na nossa sociedade, algo de não somenos importância, é a negação do anti-prazer, ou seja, o que alguns teóricos chamam de a busca da excitação, da concórdia social, da unanimidade. Isso começa na escola e estende-se a toda a sociedade, por ela perpassada, sendo que é proibido proibir, ou seja, temos de ter momentos de prazer e convívio que ora nos anestesia da realidade, que não é brilhante, a vários títulos, temos de dar o braço a torcer, ser como sempre fomos, porque somos e seremos sempre perdedores, um país que a nível internacional é pouco significativo. Ora, não é no desporto que vamos conseguir isso, o que arrasta o aspeto económico. É na cultura, pelas ideias, mais do que pelas obras. Eu percebi isso cedo com o meu pai e outros. Sob o reino da evidência, jaz um belo mundo, teórico mas não apenas, feito de ideias, palavras e conceitos. É por aí, não tenho dúvida, que devemos ir. Daí a minha persistência e teimosia. Se consegui com o meu pai e num meio adverso, muito mais vou conseguir sem ele e oxalá descubra em breve algum apoio e assentimento, o que só me dará coragem para continuar a fazer algo de singular, nem que seja para a gaveta, ou seja, para debaixo do colchão de dormir...

O ódio, o ódio que o Pimentinha me tinha. Desde criança, dos tempos do grupo recreativo, eu nem me apercebia e também que se juntava com o Cafum para fazer caso de mim. Por isso, não dava crédito nem a um nem a outro, passava-me ao lado, do segundo faltavam alguns livros que lhe tinha emprestado e um volume da Enciclopédia que ele não devolvera, para emprestar ao Colinas, diz a gorda, disse ele, digo eu. Vou ao café e apercebo-me disso, retomo algum entusiasmo no trabalho de escrita, arrumo alguns livros para ler, Bourdieu e Piaget.



As pessoas burras são felizes? A maior parte é, antes de mais porque atribuem seus males aos outros. Também eu em tempos pensava assim, que os outros tinham culpa do meu mal-estar, agora já não penso, procuro o vislumbre para fazer alguma coisa por mim próprio e viver a felicidade da realização de certas tarefas sociais e intelectuais...

Mas eu tenho um plano, andar na linha azul do metro entre os Restauradores e São Sebastião, se for preciso ir até ao Colombo ou à Amadora, discretamente lendo o meu jornal, a ver se morde alguma coisa. Na escola, posso conhecer alguma professora que tenha maminhas jeitosas para eu mexer e ter à consideração de casar... à consignação e disposição. Finalmente, alguma paz, as manhãs são terríveis, mas tenho pulso pra continuar...

Inútil pensamento. A janela aberta, com a cortina entrecortada fazia lembrar o jazigo que já não lá está. Mas há mais vida aqui do que em qualquer cemitério, do que em qualquer bordel, do que em qualquer escola, por assim dizer, há vida e não é pouca, apesar e sobretudo por se fumar, por o pensamento estar entretido, entretecido de razões e ter a fonte dos meus anseios, a minha velhota, que lá vai levando a vida conforme pode e eu na fronteira ténue entre normal e patológico...

Um queixo aguado, a mãe, essa imagem insistente que me pára o pensamento mas, por outra via, acaba por me levar mais longe, ainda que sendo dolorosa para o espírito. A patologia está no sangue, nos genes, não há muita coisa a fazer senão terapia.

Uma imagem persistente que não sai da minha cabeça, eu bem sei, não tenho de fazer literatura disso, mas alguma coisa vou dizendo, alguma coisa vou fazendo, nem que seja para mim próprio, numa batalha que nunca a caba, pois nunca me renderei, não sei bem em nome do quê, mas tenho fé e esperança de chegar a um lugar devidamente aprazível dentro de momentos...

A mãe vê o Preço Certo, um programa de um gordo que faz rir, o mais antigo da televisão portuguesa, mais só o Oceano Pacífico da RFM. Estou nas teias do pensamento, com um cigarro a meio, por fumar, e um pouco de vinho na garrafita de plástico que costumo encher do boião que está na cozinha. Além de mim e aquém de mim está um mundo de pensamento (s), dois ou três livros por escrever, quando me entretenho com este, tipo carro que está velho mas ainda responde à gasolina que lhe metem.

Pink Floyd e o The Wall. Ei techer! Leave the kids alone. Bastante motivados, não fossem as imagens na mente que obstaculizam o pensamento puro tipo bergsoniano, que chega à clara ideia e traz bem-estar e felicidade. Bebe-se um pouco de vinho. Adia-se a vontade de fumar, o corpo sufoca e pila fica tesa bem nessa altura, a ponto de se mijar. Bataille é o culpado. Baudrillard também, a economia das trocas simbólicas. Nomeadamente.

Está lá. Está cá. Aqui não está. Estará além, mais adiante, fora do alcance da minha vista. Tentas traduzir por palavras coisas intraduzíveis, imagens fotográficas na tua mente, que te fustigam e castigam na tua consciência moral morta. E ouves um pouco o êxito de Fergal Sharkey, dos The Assembly.

Sim, até desejo que os outros sintam a felicidade do espírito, apesar de a saúde mental não ser a melhor, é só achaques da mente, mas eu lá continuo, andando quase sempre em frente nas minhas investigações, como Kafka em “Investigações de um cão”.

Abro uma garrafa de vinho que o pai deixou na adega, de 1998, da adega de Borba. Parece-me um pouco estragado, mas lá vai ficando mais saboroso, tenho de um coar porque a rolha desfez-se toda. São estas as circunstâncias da minha vida, as minhas teorias e lucubrações, a minha ida e vinda entre Lisboa e Vermöhlen.

Por vezes penso que vou existir, cometer o crime de existir, como se precisasse de licença para o fazer e não ob-tivesse certos direitos. Na verdade, sem contar, passei a ser o chefe de casa, não é uma narrativa, é um facto, podia ficar para sempre em Vermöhlen, aqui tenho os meus amigos, aqui sofre e me senti alegre, bem e feliz...



Surpreendido com o fenómeno da minha própria mente, como se tivesse dois cérebros, um orgânico outro sobrenatural, porque me guia e ajuda no que devo fazer. Será dupla personalidade, o chamado dois em um? Pode ser, posso ter várias patologias, mas lá tento progredir, estar ocupado, fazer alguma coisa, enquanto os miúdos que vou apanhar ainda estão em férias. Vai ser divertido.

A pouco e pouco vou vencendo a doença, deixo de estar pre-ocupado com tudo e mais alguma coisa e estendo a minha mente no tempo, entendo a minha mente na complexidade e ao mesmo tempo simplicidade dele mesmo. Como a minha escrita. Bebo mais um pouco de vinho. Na Rádio, que está ligada à dois na Rádio Clube de Pombal, passa Self Control, de Laura Brannigan. O que fica é o contorno do corpo, a sua interação com o meio é a respeito dele, esteja sujo ou esteja limpo, pronto ou impreparado.

A vida é uma frustração amorosa, andamos à procura do encontro perfeito, da pessoa certa e quando a encontramos tudo se desfaz como em castelos de areia. Daí recomeçamos de novo, porque precisamos do corpo do outro para sentir-me o chão que pisamos. Há as desilusões, as ilusões, mais ou menos permitidas, mais ou menos requeridas, entre patente e velado. No fundo, todos somos românticos, ainda que o contrariemos, todos queremos situações mais ou menos familiares, em vez do risco de uma exogamia no limite que nos faça não voltar...

O que um homem faz e não faz só para agradar às mulheres. Muitos, são capazes dos mais incríveis sacrifícios só para ficarem a pé delas e não ficarem sós. Eu sinto essa solidão, tenho tentado mudar em relação à “oferta” mas não tenho tido sorte, talvez porque me encontro quase fora de prazo e ainda por cima num registo quase inacessível, o da filosofia dos meus pensamentos. Resta esperar. Não desesperar, um dia acontecerá alguma coisa, nem que seja quando puder dar umas voltas de carro e reviver certas aventuras que passei em torno dos trinta anos...

Insignificância cósmica. Esta frase fez-me pensar, duas vezes, três vezes. Sobre o que somos e não somos. Voltei a ouvir aquela canção do George Michael, tinha pela frente mais uma semana em Riachos e tudo o que podia fazer seria ter calma e continuar este relato. Fosse ou não dar aulas, o meu compromisso era com a minha saúde e felicidade, ainda que do lado de cá da aventura de coração escancarado.

A família, entretanto, reuniu-se num fim de semana de Agosto, comemos uma pizza gigante e camarão também gigante, eu andei um pouco abanado, preocupado com tudo e mais alguma coisa, sinal de que a doença ainda estava presente. Vimos a final de andebol feminino dos Jogos Olímpicos, depois de vermos a medalha de ouro do Iuri Leitão, natural de Viana do Castelo.

A mãe faz a sua oração e depois adormece. Eu continuo com meus dilemas morais, sem contar grande coisa a ninguém. Parece que poderia terminar o livro por aqui, mas talvez continue, ficando com um certo sentimento de completude a respeito da produção-inspiração e um sentimento de incompletude face à comunidade que adotei nos meus livros como cenário, depois onde passei a minha infância e adolescência. Alguns amigos já foram, outros estão doentes, eu continuo por cá, não sei como nem porquê. Isso é já um milagre, aliás, ter vindo de França em 2014, nas condições em que vim e ter sobrevivido é outro milagre.

Fui. E vou andar arrependido todo este tempo, incapaz de desabafar com alguém a dor que transporto na minha alma por não ter uma conduta mais regrada, mais saudável, mais de acordo com certos princípios que herdei e cultivei na juventude. É isso que me vai salvando, saber que estive perto de Deus. Agora não estou. Estou longe, marcado por uma espécie de pecado que nem eu consigo compreender mas que mina o meu progresso e processo de felicidade. “Lá vai o maluco!”-dizem os garotos. Suponho que a experiência de aulas irá andar um pouco à volta dessa noção.

Trata-se aqui de um certo mecanismo que Joana Amaral Dias bem saberia explicar: de pois da acção, tentar apagar a memória do acto que se fez e se julga ser negativo, contando que há actos e discursos negativos uns, positivos outros. Quando chamo alguém de maluco estou decididamente a ter um acto anti-antropológico, ou seja, a mesma coisa que quando chamo o Outro de selvagem, bárbaro, inimigo...



As prostitutas, como os bruxos, são uma peça chave no universo do social. Desprezados, eles desempenham uma função que poucos querem desempenhar, devido à tentação da centralidade, da normalidade, ao tabu em parecer diferente. Eles aguentam forças psíquicas que o comum dos mortais não aguentaria, tendo de ir para uma casa de tratamento psiquiátrico, como muitos vão. Em certo sentido, talvez não tanto como maluco, mas como bruxo, era esse o meu papela na aldeia que escolhera para escrever os meus romances e a minha tese de doutoramento. Esta talvez fosse para provar que não era maluco, depois de ter franqueado o portão do Parque de Saúde de Lisboa, antido Júlio de Matos, por várias vezes, a vários fins e propósitos...

### III.

A função do xamã, pude comprovar em Paris, é ser íman das energias negativas dos outros, descarrego, porque só ele sabe, na comunidade, como se livrar delas, bem à custa da sua reputação. A vida social é, então, uma ilusão de normalidade. No sul, as pessoas são curvas, no norte planas, no centro curvas. Depois, concluí, são garotos, não sabem o que dizem, decerto julgam as pessoas pela aparência, decerto os pais dizem em casa que és notícia e logo te julgam só por teres entrado no Júlio de Matos...

Depois, a interiorização surge como arma de arremesso contra a sociedade, ou seja, a partilha anda em torno da gabarolice para conquistar as mulheres e muitas têm essa mentalidade machista. Daí estar tudo errado na vida social, em poucos momentos a felicidade é total, porque cada um rema para o seu lado, num poço de egoísmo e desconcerto, de acusação mútua do “eu fiz mais do que tu” e do “eu sou melhor do que tu”. No convento não há destas coisas, embora haja os caracteres e as invejzinhas de poder próprias dos humanos, a disputa pelo dinheiro, uma homossexualidade não assumida, porque não tem que ver com a reprodução mas com a saúde mental...

Na noite de ontem, decidi-me a fazer um plano de treinos de corrida, mas no dia seguinte já não me apetecia mais correr, ia adiando essa vontade, melhor, o acto, como já disse acima. Passava um dia, depois outro e eu não ia, a mesma coisa quanto a ir a Pombais comprar o jornal, ir e voltar em cinquenta minutos, de comboio, à hora do almoço. Deixava-me estar de um lado para o outro, rezando para que o calor não me matasse na Casa do Jardim. A minha mãe adormeceu enquanto rezava, agora estava na Casa dea Adega numa esteira tentando descansar...

Estes humanos com quem convivia estava tão atarantados, uns mais outros menos, como eu também estivera em tempos. A minha grande companhia eram os meus, a miúda pregada todo o dia no computador a jogar com as amigas, a mãe andando de um lado para o outro e fazendo seus especiais cozinhados, isto é, tratando da comida. A Sandrina aparecia quase todos os dias, o Luigio também. Além do mais, sou antropólogo, posso dar-me ao luxo de fazer certas e determinadas coisas, só porque as sei explicar. É de literatura que falamos.

Depois de sair do WC, peguei na edição inglesa de Ser e Tempo e lembrei-me da Heloísa, que me escapou na FCSH. Talvez, não sendo originário da filosofia, tenha ido mais longe do que ele e do que muitos, com a minha teoria dos sistemas, os meus cem princípios de ciências sociais, os meus quarenta ensaios de quarenta e duas páginas, os meus sessenta artigos de doze páginas, os meus vários livros durante e depois da pandemia, a tese, enfim, também alguma poesia, para fazer um in-devido lanço no tempo... Uma lança em Africa, como dizia o Victor...

Porque a Filosofia não é uma arte de seduzir mulheres. Será de pô-las loucas de desejo porque não sabem que mais hão-de fazer ante um homem que pensa. E nada mais erótico do que um homem que pensa. A Filosofia é antes uma engenharia das ideologias, uma bricolage mental que permite tanto ver como os homens pensam (Antropologia) como quanto poderiam pensar. Todos.

Os jovens de hoje são como os de ontem, os da minha geração. No papel agarram-se a ideias mais ou menos humanistas, de igualdade e respeito da diferença, mas na prática são como os mais rebeldes de outros tempos, aqueles que foram cuspidos bem cedo do sistema de ensino. Mas algo está a mudar, a inteligência artificial tem a ver com uma certa ideia de um homem melhor e isso está a acontecer na sociedade, mesmo entre os mais jovens. Ao mesmo tempo, faltam professores, talvez porque há muitos adeptos da ideia de que estar no sistema de ensino é ser fraco, anódino, vulgo, nerd. Nada de mais errado. A vida só se torna mentalmente interessante quando gostamos de livros. E há+a muito miúdos que gostam de ler. Isso é o princípio para termos mais cientistas sociais, que possam ajudar a sociedade a tornar-se num lugar melhor para se viver, um ecossistema humano mais agradável para tudo e todos...



Estou aqui, nesta aldeia, com cheiro a pneu, e não convivo com ninguém, a não ser os breves instantes do café. A minha mãe toma banho, a pequenita está no vício, é assim que se desenvolvem os meus dias, longe da ribalta que, de uma maneira ou de outra, sempre recusei. Pelo que não é fácil, sinto necessidade de falar com muita gente, de mostrar as minhas teorias, talvez por isso vá de novo até à FCSH ou à Clássica, a ver se falo com alguém, que aqui, neste silêncio mais ou menos frutífero, como a plantinha no ralo, fico maluco...